

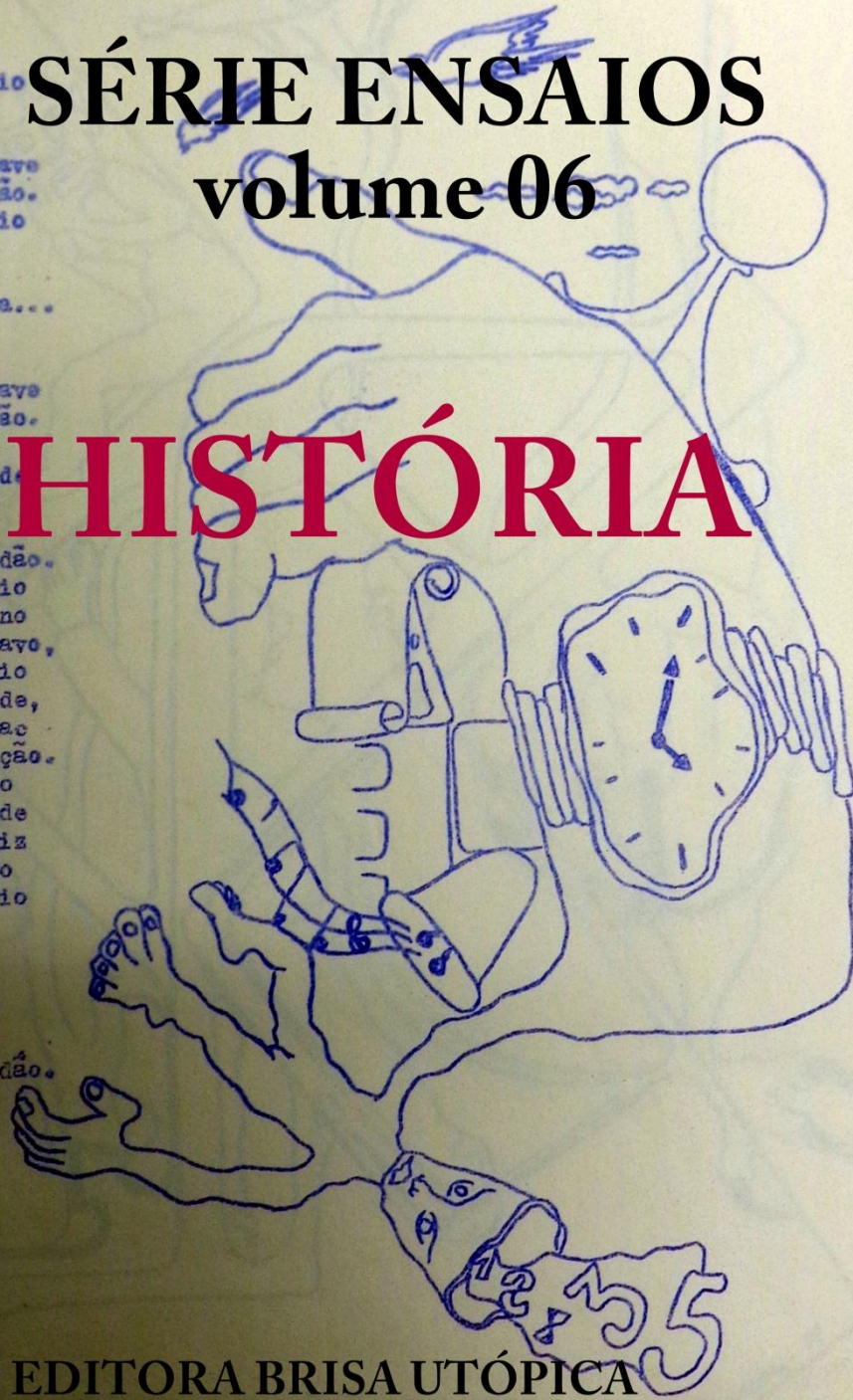
MAGRU FLORIANO

O relógio...
tic-tac
bate
bate
tictac-
O relógio
bate
bate
do escravo
o coração.
O relógio
tic-tac
e carta
denuncia...
bate
bate
do escravo
o coração.
Tic-tac
na parede.
bate
bate
a servidão.
O horário
cotidiano
do escravo,
o relógio
na parede,
o tic-tac
no coração.
No pulso
na parede
na matriz
no capro
o relógio
bate
bate
o
tic-tac
da
escravidão.

SÉRIE ENSAIOS
volume 06

HISTÓRIA

EDITORA BRISA UTÓPICA



SUMÁRIO

- TEXTO 1 – Alexandre Konder – literatura e história do Vale do Itajaí**
TEXTO 2 – Sinais do tempo – a captação de imagem de televisão em Itajahy
TEXTO 3 – quadras de uma aliancista
TEXTO 4 – Revolução federalista – 120 anos da Batalha de Itajahy
TEXTP 5 – Itajaí – o significado do nome
TEXTO 6 – Breve reflexão sobre a história de Itajaí – períodos históricos

TEXTO 1

ALEXANDRE KONDER – LITERATURA E HISTÓRIA DO VALE DO ITAJAÍ

Há muito tempo historiadores e intelectuais vem desgastando-se no debate acerca da utilização da literatura como fonte de pesquisa histórica. Apesar de um número expressivo de historiadores já aceitar, sem restrições técnicas, informações contidas em peças literárias [romance, novela, dramaturgia, conto, crônica, sermão ...] a polêmica está cada vez mais viva no circuito acadêmico. No nosso entendimento, devido à licenciosidade só permitida a quem escreve sob o manto da ficção, muitos feitos e fatos acabam sendo contados de forma sincera nos romances enquanto são completamente encobertos pela imprensa e pelos textos oficiais mais suscetíveis aos filtros tradicionais de nossa sociedade, inclusive a censura.

Para ilustrar a contribuição da literatura na pesquisa histórica vamos analisar o romance “Os Halifax” - escrito por Alexandre Marcos Konder e publicado pelas Organizações Simões, Rio de Janeiro, no ano de 1952 – visando salientar sua contribuição à história do Vale do Itajaí.

1 - Quem foi Alexandre Konder?

Alexandre Marcos Konder nasceu em Itajaí no ano de 1904, filho de Marcos Konder e Maria Corina Régis Konder [Dona Sinhá], aprendeu as primeiras letras com a professora particular Alzira Palumbo [prima de Lauro Müller] e na Escola Alemã de Itajaí. Entre os oito e catorze anos permaneceu no internato do Ginásio Catarinense em Florianópolis. Ainda muito jovem matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo onde engajou-se no movimento estudantil presidindo o “Centro 12 de Agosto” e publicou seus primeiros textos jornalísticos. Formou-se em direito no ano de 1925 e na mesma data casou-se com Laura Horta.

Trabalhou por algum tempo na imprensa paulista e depois mudou-se para o Distrito Federal [Rio de Janeiro] colaborando com a Gazeta de Notícias. Para reforçar seu orçamento “[...] resolveu empregar-se, como intérprete, na imprensa de maior

circulação, fornecendo comunicados e notícias dos consulados e embaixadas alemães e japonesas, afim de fomentar o intercâmbio cultural entre aqueles países e o Brasil”.

Essa aproximação com as embaixadas oportunizaram a Alexandre empreender diversas viagens internacionais e escrever inúmeras grandes reportagens [depois livros] sobre países como Alemanha, Japão e Itália – adversários dos Aliados na Segunda Grande Guerra. Por isso mesmo permaneceu preso por dois anos na Casa de Correção do Rio de Janeiro sob suspeita de simpatia/colaboração com os países do Eixo. Como muitos dos seus escritos efetivamente tentavam desmentir a máquina de propaganda Aliada até hoje ele é um dos autores mais citados em textos da ultradireita, notadamente aqueles que tentam argumentar favoravelmente às ideias nazifascistas. Entre seus textos o mais citado pela ultradireita é o opúsculo intitulado “Um repórter na guerra européia”.

Saindo do cárcere ocupou o cargo de diretor do jornal Tribuna de Minas, em Belo Horizonte, e amargou severa perseguição ideológica no período pós-guerra. Entre muitos atos arbitrários que sofreu, perdeu a nomeação de auxiliar na embaixada brasileira em Bonn – República Federal da Alemanha - “em virtude de ter sido amigo dos alemães antes da Guerra [...]”.

Alexandre Marcos Konder morreu em 1953 no Rio de Janeiro amargando a triste solidão de um intelectual proscrito. Obras:

- Vidas e tradições japonesas. Rio de Janeiro: Record, 1936.
- Um repórter brasileiro na guerra européia. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.
- Nossos vizinhos dos Andes. Rio de Janeiro: Record, 1942.
- História do Japão. Rio de Janeiro: Século XX, 1942.
- Do outro lado da terra.
- O poema do prisioneiro.
- Os Halifax. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952
- Imperialismo e legítima defesa
- Os mandatos de B e C e a Liga das Nações.
- A grande aventura. [peça de teatro].

2 - Os Halifax e a história do Vale do Itajaí

O romance histórico “Os Halifax” tem como cenário os continentes americano e europeu, com seus personagens circulando pelas ruas das cidades de Londres, Rio de Janeiro, Desterro/Florianópolis, Itajaí e Blumenau. O tempo da narrativa inicia no Brasil Império [1872] e prolonga-se até o Brasil República [1914], perpassando todos os

momentos históricos relevantes do período: da abolição da escravatura à Guerra do Contestado.

Apesar dos personagens centrais da narrativa de Alexandre Konder ter nacionalidades inglesas, fica evidente para aqueles que conhecem a saga empreendedora dos alemães no Vale do Itajaí em geral e, a saga das famílias Flores/Konder em particular, que o autor utilizou na composição desses personagens muito do que ouviu dentro de casa sobre os tempos de seu bisavô José Henrique Flores. Um lar dividido por muitas ideologias: comunismo, positivismo, liberalismo, fascismo; crenças: catolicismo, protestantismo, ateísmo; e, principalmente, um ambiente da convivência do dilema da dupla nacionalidade – tema central do romance.

Alexandre nos mostra uma ideia clara do que considera o mal moral maior do Brasil que perpassa monarquia e república: a corrupção. Também nos fala de outro mal que perdura pelos séculos: o patrimonialismo e seus tentáculos – compadrio, partidarismo, fisiologismo, puxasaquismo... Mostra que muito pouco mudou no Brasil quando o assunto é corrupção e apadrinhamento.

Seus personagens tendem, no mais das vezes, a terem uma defesa mais enfática e bem construída das ideias conservadoras. Talvez a expressão do desembargador Souza Moreira acerca dos pobres mendicantes possa servir de síntese sobre suas ideias no campo social: “*Menos leis, menos direito e mais cadeia*”. No campo da política acentua o ideário positivista/conservador justificando o poder da espada do governo Floriano. Propagandeia um governo forte e centralizador, ao mesmo tempo que desalinha todo o ideário que vem da base da sociedade [libertação dos escravos, república, federalismo...]. O personagem que marca essa posição do autor é Leão Padilha - que usa e abusa da sua condição de genro de um comendador para promover tráfico de influência e vendo seus interesses contrariados passa a ser ferrenho defensor das causas antimonarquista, cerrando fileiras ao lado de abolicionistas e republicanos; mas logo em seguida é cooptado e se acomoda entre benesses servidas pelo fisiologismo governamental. Não há funcionário público honesto: uns atuam sectariamente, outros na plenitude da criatividade desonesta, mas todos utilizando-se do jeitinho brasileiro de “procurar dificuldades para vender facilidades” junto à burocracia estatal.

Vale ressaltar a fala de Altino de Salles Moreira: “*Neste país [...] pode ser que haja de tudo, mas uma coisa eu sei que não há – é vergonha! [...] tudo é feito às pressas, sem o menor critério, sem outra finalidade que a de servir aos grupos e aos*

seus compadres. A Pátria, o povo, o bem-estar geral são cousas que nem lhes passam pelos cérebros.” [página 254]

Sobre adesismo e fisiologismo generalizado vamos destacar duas falas do velho Altino: 1 - *“Em Itajaí [...] mal foi conhecida a queda da Monarquia, o povo correu para a praça, a viver a República, com os políticos à frente, disputando entre si os melhores postos de sacrifício. O quadro, porém, diga-se a verdade, não constituiu um fenômeno local, mas nacional, pois, em maiores ou menores proporções, essa corrida para o poder foi a mesma em todos os Municípios do país. E, como em geral acontece nessas ocasiões, nem sempre vencem os que tem mais direito à vitória, mas aqueles que melhor sabem se valer da oportunidade, não foi de extranhar que muita gente que, ainda na véspera, ameaçava os republicanos com a cadeia, tivesse aparecido em cena como inimiga de morte da Corôa, nessa famosa semana de novembro de 1889 [...]”* [páginas 291-2].

2 - *“Isto começa mal, Arthur, muito mal ! Por enquanto a república tem-se limitado a correr para o poder, e os tipos que estão se aboletando nos postos de mando, ao que tudo indica, só levam na pança uma finalidade – substituir os antigos donos do país. Quanto a idéias e a métodos de govêrno, estamos vendo que êles são e serão os mesmos de sempre, senão piores. E o povo, eternamente estúpido, a seguir as pegadas desses farçantes, só porque levam consigo uma banda de música e uma bandeira nova.[...] O nosso povo, desgraçadamente, é incapaz de resistir a uma banda de música. Para onde ela fôr, êle irá atrás, gritando vivas e soltando foguetes. É incapaz de compreender que continuará onde sempre esteve, pois que, nesse terreno, apenas se mudou o estrume. As moscas são as mesmas!”* [página 296].

Alexandre Konder é bisneto de José Henrique Flores [presidente do Conselho Municipal entre 1865 e 1876] tendo uma visão muito particular e curiosa acerca dos métodos utilizados por seu ancestral para manter o controle político na pequena Itajaí no final da era monárquica:

A - *“O presidente do Conselho era um velho de barba rala que, depois de um choque com a parentela, deixara o seu solar, no Vale da Paraíba, para se radicar na região, na primeira metade do século. Aportara com os baús abarrotados de dinheiro e acompanhado de quatrocentos escravos. Chamava-se José Henrique Flores e possuía a justa fama de ser o maior querelador do sul do país. Homem impulsivo e cheio de pontos de vista, vivia para as suas demandas e para as sutilezas da estreitíssima política local, colecionando inimigos com a mesma paixão com que, na Europa e nos*

Estados Unidos, os milionários colecionam quadros e porcelanas. Grande latifundiário, vira, entretanto, suas terras encurtadas de ano para ano, às sentenças dos juízes, em consequência das questões que êle mesmo armava com os seus múltiplos vizinhos.” [página 88].

B – [Fala do personagem William Halifax] “*Os estudantes ingleses, disse-lhe certa vez William, custam muito a compreender o clima político da Idade Média. E isso porque somos um povo, cujas gerações se sucederam dentro da mesma fôrma – a democracia. Isto nos faz, de quando em quando, algo monótono aos olhos dos estrangeiros, entre os quais não existe o mesmo equilíbrio perfeito de cultura política. Acho, entretanto, que os nossos rapazes compreenderiam em pouco tempo o clima medieval, se viessem observar aqui, em Itajaí, por um ou dois meses, como o Senhor norteia o seu Município.*” [página 89].

Síntese do perfil de José Henrique Flores montado pelo bisneto Alexandre Marcos Konder: latifundiário, ladrão de terras, encrenqueiro, escravocrata... um homem de mentalidade medieval. Como duvidar de um perfil feito pelo próprio neto?

Um segundo perfil nos chama atenção na obra de Alexandre Marcos Konder, o perfil do líder republicano Emanuel Pereira Liberato – racista, sectário, elitista. Vejam a fala atribuída a Emanuel [primeiro presidente do Conselho da Intendência Municipal do regime republicano] ao se referir ao professor Lepage e suas ideias comunistas:

“Antes de tudo, êle é um confuso. Mete os pés pelas mãos, anunciando cousas impossíveis de serem postas em prática, como seja a igualdade absoluta entre os homens. Achas isso possível, meu rapaz? Não! É um absurdo pensar-se nisso. Olha esta mão: são iguais os meus dedos? Olha os meus dentes! São iguais? Não! E por que? Porque nada no mundo é igual. Como, pois, poderás admitir uma Humanidade com todos os seus membros a se tutearem, a se sentarem à mesma mesa? Tolices ! Nada mais do que tolices ! Admitirás, por exemplo, que aquêle mulato que ali vai, possa um dia, se casar com a tua irmã? Claro que não. [...] Batemo-nos, nos nossos discursos, pela libertação dos negros e, no calor da propaganda, temos avançado, às vezes, em conceitos que talvez se pareçam com as idéias que defende êsse canadense. Mas, isso não passa de foguetório, para animar a festa, Arthur. São simples palavras sonoras, porque, mesmo depois de livres, os negros continuarão a ser, para nós, negros como sempre ! ... O decreto da liberdade não lhes mudará nem a côr, nem a carapinha. Tão pouco vamos permitir que se sentem nas nossas salas de visita!

[...]Mas, não só em relação aos pretos não é possível por-se em prática o que quer o Lepage. Também entre os brancos existem grandes abismos, Arthur. Imagina, só meu caro, o antigo cocheiro do teu pai, o albano, metido em casa da gente, como se fôsse um de nós! Com aquelas mãos sujas, aqueles cabelos sebentos e aquele andar de pata choca!... Que cousa horrorosa !”

3 – Conclusão

No nosso entendimento o romance Os Halifax nos apresenta alguns perfis de personalidades históricas de Itajaí que não poderiam ser apresentados, com teor tão autêntico e verdadeiro, através de documentos tradicionais utilizados na pesquisa histórica. A licenciosidade permitida à literatura, o afastamento do autor do cenário do Vale do Itajaí - vivia no Rio de Janeiro; a diferença temporal - o romance foi escrito em 1951 e os dois perfis aqui utilizados reportam-se à figuras de expressão do século anterior, são alguns dos fatores que nos ajudam a entender porque Alexandre Konder se permitiu falar o que jornais e livros de história preferiram omitir ou não tiveram interesse em divulgar.

Quem lê com o devido cuidado o romance Os Halifax e conhece relativamente a saga das famílias Flores/Konder vai concordar que muitos personagens possuem feições verdadeiras a espreitar atrás de nomes fantasias. Não há dúvida de que Alexandre elaborou seus personagens servindo-se da memória oral passada dentro das casas dos Flores/Konder, principalmente pela pessoa que mais o influenciou: sua mãe “Sinhá”, a quem, não por coincidência, dedica o livro.

Este seria o grande desafio de pesquisa: buscar os nomes verdadeiros que sobrevivem nas páginas de Os Halifax através de nomes fantasias.

OBRAS CONSULTADAS

- 1 – KONDER, Alexandre Marcos. Os Halifax. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- 2 – KONDER, Gustavo. Um preito de saudade. Blumenau: Cadernos de Blumenau / Fundação Casa Doutor Blumenau. Blumenau. Tomo XIII, número 03, março de 1972, páginas 49 a 52.
- 3 - KONDER, Marcos. A pequena pátria. Florianópolis: FCC, 1982.
- 4 – FLORIANO, Magru. Quem escreve em Itajaí – indicador da literatura e jornalismo da Região da Grande Itajaí até 2000. Itajaí: Brisa Utópica, 2002.

TEXTO 2

SINAIS DOS TEMPOS

A captação de imagem de televisão em Itajahy

Sempre que surge uma nova tecnologia a maioria das pessoas tem uma tendência natural a não acreditar na sua viabilidade ou praticidade. Uns poucos, geralmente alvos da galhofa dos incrédulos, acabam tomando para si a árdua tarefa de difundir a novidade entre seus pares. Na maioria dos casos a “excentricidade” desses pioneiros acaba se tornando “normalidade” após anos de muito ensaio e erro, experiências e dedicação à pesquisa em detrimento de suas vidas privadas. Assim ocorreu com a televisão que chegou à Itajahy ciceroneada por Nereu Schiefler e um grupo de amigos radio-amadores a partir de 1961. Foi um caminho árduo que percorreu a fase do chuvisco à imagem de alta resolução; da imagem única em preto e branco à centenas de canais via satélite.

Os itajaienses tem conhecimento sobre a televisão quando o jornal **O Pharol** publica na sua edição de 03 de outubro de 1928 a primeira notícia sobre sua invenção com o título “*As duas maiores novidades científicas: a televisão e o homem electrico*”. Nela o executivo Quadros Júnior declara o seguinte sobre a televisão que viu recentemente funcionando nos Estados Unidos: “*A televisão já é um facto. Ella se manifesta atravez do radio. Ouvi, num aparelho de radio, uma canção cantada numa cidade distante, e vi também, ao mesmo tempo, num espelho collocado no aparelho, a figura da cançonetista cantando.*”

A primeira notícia que temos em Itajaí sobre esse tema nos é fornecida pelo jornal **Itajaí**, que estampa na sua edição de 22 de julho de 1961 a manchete: “*Televisão em Itajaí TV Tupy Canal 6 – A persistência de Nereu Schiefler – imagem perfeita*”. Segundo o jornal “*Depois de longo tempo de tentativas o sr. Nereu Schiefler conseguiu captar com uma perfeição extraordinária a TV TUPY do Rio de Janeiro. O fato despertou grande curiosidade em todos os meios da cidade, já que a distância entre o Rio de Janeiro e Itajaí é enorme [...] O fato entusiasmou o público e já se fala em comprar aparelhos de televisão. Por outro lado a residência do sr. Nereu Schiefler, está agora, frequentadissima pelos tele-vizinhos.*”

O **Jornal do povo** publica na sua edição de 20 de novembro de 1965 uma longa reportagem sobre o tema com o título “Televisão será realidade” onde garante:

“Prosseguem em ritmo normal, as experiências que visam instalar em Itajaí proximo, uma estação retransmissora de televisão[...].” O esforço da equipe é instalar uma antena no Morro do Gravatá [Penha/Navegantes] para retransmitir os sinais dos canais 6 e 12 de Curitiba.

O jornal **O Sentinela** na sua edição de 26 de março de 1966 comunica que ocorreu no dia anterior [25 de março] uma reunião no Salão Verde da Sociedade Guarani para tratar da instalação de uma repetidora no Morro da Armação. Nessa data teria sido sugerida a criação da Associação Itajaiense de Telespectadores. A ideia proliferou e a 20 de junho de 1966 foi criado o **Itajaí TV Clube** como objetivo de reunir apreciadores de televisão na região. O clube recebeu a marca ITAVISÃO. Presidente de honra: Carlos de Paula Seára. Presidente: Francisco José Pfeilsticker [Teca]. Diretores: Saturnino Konze, Norberto Silveira Júnior, Francisco Santana Rodrigues, Aurélio José Dutra, José A. Muller, Nereu Schiefler, Orides Padilha, Honorato Sandri, Nilson Figueiredo, Osny Ern, Arapoty Sampaio, Affonso Rodi.

A memória de Nivaldo Schiefler

Nivaldo Schiefler é sobrinho de Nereu e nasceu “nas mãos da Plácida” no dia 13 de março de 1938. Participou diretamente de muitos experimentos com seu tio em busca da captação do sinal de televisão. Para ele é inesquecível o momento em que Nereu conseguiu captar a primeira imagem de televisão em Itajaí.

“Foi em uma noite de muita cerração. Ele pegou a maior vara de bambu que conseguiu, instalou uma antena improvisada por ele próprio em uma das extremidades e pediu para eu e Nestor Schiefler ficar segurando a antena em pé, girando gradativa e sutilmente. Naquela noite pegamos o sinal da TV Tupi do Rio de Janeiro. Vimos uma propaganda da transmissão do jogo Santos versus Milan no Maracanã e depois uma luta de box. Passada essa experiência bem sucedida, que durou dois dias, ficamos quinze dias sem pegar qualquer sinal. O tempo não ajudava. Nereu dizia que tempo bom era tempo com bastante cerração.”

A notícia do feito extraordinário e inacreditável dos Schiefler obviamente correu Itajaí de norte a sul, leste a oeste. Como era natural, os curiosos começavam a se aglomerar cada vez em maior número defronte à casa dos Schiefler na Rua Lauro Muller. Chegou a um ponto que foi obrigatório improvisar o rodízio em forma de sessões. “Desse ponto em diante o Nereu pediu para nós não fazermos mais propaganda pela cidade da televisão dele”.

Nivaldo lembra muito bem do passo mais arrojado que Nereu Schiefler tentou dar com a ajuda da Prefeitura de Itajaí. A Municipalidade instalou uma boa estrutura de metal no terreno existente no final da Avenida Marcos Konder, que à época tinha seu fim em um terreno baldio onde atualmente está instalada a sinaleira da Avenida Marcos Konder com a Rua José Bonifácio Malburg [com continuação na Rua Frederico Thieme]. “Encheu de gente para ver a experiência do Tio Nereu, mas não pegou nenhum sinal. Depois de um bom tempo ele instalou aquela antena no terreno de sua casa na Lauro Muller e obteve êxito pegando o sinal da TV Paraná novamente.”

Estimulado com as experiências, apesar de pouco favoráveis aos olhos dos espectadores, Nereu foi dando passos mais ousados até adquirir a primeira caixa de retransmissão. “Ele comprou um aparelho cheio de válvulas e levou para um ponto “bom” no Morro do Boi [próximo do que é hoje a entrada para a Praia de Taquaras]. A caixa tinha um metro e vinte centímetros de comprimento por oitenta centímetros de altura, e era muito pesada. Ajudei ele a colocar tudo dentro do Corcel verde e fomos levando esse equipamento bem devagar, porque a estrada era muito ruim e qualquer solavanco mais forte poderia deteriorar todo o equipamento. Instalado o equipamento ele girou a antena para a direção de Curitiba e a retransmissão do sinal para a direção de Itajaí. Foi aí que conseguimos pegar bem os sinais das tevês Paraná [Rede Tupi] e Paranaense [Rede globo].”

Mas a ousadia de Nereu não estava encerrada. Ele comprou peças avulsas e confeccionou na oficina que mantinha na sua casa na Lauro Muller uma segunda caixa de retransmissão de sinal de televisão. Assim que ficou pronta, novamente contando com a ajuda do sobrinho Nivaldo, levou tudo para o alto do Morro da Cruz de Itajaí. Assim, instalou no local duas antenas e dois retransmissores. Conseguiu captar a imagem de três emissoras.

Nereu era funcionário do Banco Inco e gastava uma parcela do seu próprio salário para confeccionar os equipamentos que lhe possibilitariam captar as imagens dos canais de televisão do Paraná. Com o sucesso da experiência no Morro do Boi, um grupo se reuniu para compor uma associação e cobrir, através de mensalidade, os custos que antes eram cobertos exclusivamente por Nereu Schiefler. Assim surgiu a televisão em Itajahy. “A imagem era muito precária e sempre tinha um que reclamava e lá ia o Tio Nereu trocar peças de sua repetidora.”

A memória de Maria de Lourdes Schiefler Mathias

Lurdinha é filha de Nereu e lembra que ele tinha como inspiração as seguintes palavras do escritor Júlio Werner: “*O que o homem pode pensar, pode fazer.*” Por isso mesmo não media esforços para realizar pesquisas e experiências a ponto de ser denominado de “Professor Pardal”.

“Meu pai trabalhava no Centro de Controle do Banco Inco e conseguiu a primeira televisão quando um companheiro de empresa veio transferido da agência de São Paulo para Itajaí e trouxe um aparelho com problemas técnicos que passou às suas mãos para o devido conserto. Nereu descobriu um defeito, consertou e durante mais ou menos um ano, todos os dias ele testava a TV e dizia que não sabia se a TV continuava com algum defeito ou se não funcionava simplesmente porque não se captava sinal de televisão aqui no Estado de Santa Catarina.

Mas essa história mudou em uma tarde do mês de julho quando deu um grito chamando pela esposa Juracy, e depois fazendo silêncio prolongado. Juracy e a amiga Celeste, que estava na casa, subiram apressadamente até a oficina que Nereu mantinha no segundo piso da residência na Rua Lauro Muller pensando que tinha ocorrido algum problema com ele. Lá chegando viram que Nereu havia captado sinal da TV Tupi – Canal 6 – do Rio de Janeiro.

As pessoas queriam ver uma TV funcionando, então organizavam equipes para subir até a oficina e nossa casa acabava vivendo cheia de gente. A cidade praticamente parou. Era engraçado porque o pessoal ficava até o canal encerrar a programação e no dia seguinte o padeiro não trazia o pão, o leiteiro não trazia o leite, porque todos iam dormir muito tarde para os padrões daquela época e de manhã não acordavam para o serviço.

Mas, o sinal, assim como apareceu, sumiu. Essa situação desagradável se repetiu muitas vezes a ponto de se espalhar pela cidade muitas teorias. Chegaram a cogitar que o sinal entrava apenas quando tinha navio no porto. Mas, a única interferência positiva que Nereu constatou na ajuda à captação de imagem foi a incidência de cerração. No dia de cerração a imagem melhorava muito.

Mesmo com todas essas dificuldades técnicas o pessoal começou a comprar aparelhos de televisão e toda vez que ocorria algum problema na captação da imagem mexia-se indevidamente nos botões de ajustes. Quando o sinal voltava os aparelhos

apresentavam problemas de regulagem e acabavam todos trazendo as TVs para o Nereu fazer os devidos ajustes.

Mais adiante ele conseguiu com o Dr. Antônio Carlos Konder Reis um pequeno avião para fazer pesquisas sobre onde poderia ser colocada uma antena que captasse o sinal e enviasse para Itajaí. Ele e o Odemar Costa promoveram estudos e descobriram que na Ponta da Armação seria o lugar ideal para a instalação da antena repetidora porque o sinal a ser captado viria de Curitiba.

A repetidora funcionou muito tempo nesse local. Tinha um relógio que era programado para ligar a repetidora na hora que a estação de TV iniciava a programação e desligava no final. De segunda a sexta-feira funcionava assim, mas aos sábados o Nereu ia ligar a repetidora mais cedo, retornando ao local no domingo para reprogramar o equipamento para o horário da semana. Essa antena ficava na casa de um senhor oriundo de Blumenau que cobrava apenas o consumo da energia elétrica gasta na retransmissão do sinal. A Prefeitura de Itajaí e lojas que vendiam os aparelhos de televisão contribuía com um certo valor para a manutenção do sistema. Ele não fazia o serviço por dinheiro. Fazia simplesmente porque gostava muito de tudo aquilo.”

A memória de Yvonne Lucy Kormann Rebello

Yvonne nasceu a 08 de julho de 1931 e trabalhou ao lado de seu esposo, Pedro Paulo Rebello, na empresa responsável pela produção dos televisores de marca ARISTON. Segundo Yvonne

“Nereu Schiefler era amigo da família e não saía da nossa fábrica de televisores porque vinha conversar com o engenheiro Luigi Zilli e o técnico César Rebelo acerca de detalhes para melhorar a captação de imagem. Zilli e César também forneceram muitas peças para Nereu montar suas repetidoras ou deram informações de como adquiri-las em Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. Os técnicos da empresa tinham muita boa vontade com Nereu porque consideravam que suas iniciativas beneficiavam de forma direta o trabalho deles. No final todo mundo ganhava nessa troca de informações técnicas.

Nossa empresa iniciou em 1960 como revendedora de televisores ARISTON [que significa PERFEIÇÃO] e passou a produzi-las aqui mesmo em Itajaí a partir de 1963. Por este motivo vieram para Itajaí o engenheiro elétrico/eletrônico paulista Luiz Zilli - que permaneceu na cidade por seis meses repassando as informações para

o técnico em eletrônica César Rebelo, vindo do Rio de Janeiro. Zilli e César conversaram muito com Nereu.

Como eu era responsável pelo departamento comercial da empresa, usava um “fuque” [Fuska] para fazer as cobranças porque vendíamos também os aparelhos em unidades para particulares. Muitos, querendo fugir da cobrança alegavam justamente que não conseguiam “pegar” nenhuma imagem e, portanto, o aparelho comprado não funcionava. Muitas vezes, para receber, primeiro tinha de enviar um técnico até a casa do proprietário do aparelho para ver se ajudava-o a “pegar” melhor a imagem da televisão. Era o tempo do “chuvisco” e de ficar mexendo o tempo todo na antena externa para buscar a “posição” ideal de captura da imagem”.

A memória de Paulo Rogério Maes

Paulo Rogério Maes tem memória privilegiada a ponto de escrever semanalmente para o jornal “O Tempo” crônicas baseadas em suas recordações. Na edição do dia 11 de agosto de 2012 ele escreveu uma crônica intitulada “**A TV em Itajaí**”.

“Lá por volta de 1963, começaram a aparecer em Itajaí, as primeiras imagens de televisão, muito precárias, recebidas diretamente do Paraná. É que no estado vizinho, foram implantadas repetidoras para trazer as imagens geradas em Curitiba até os balneários do Sul daquele estado e a aproximação do sinal com o Norte de Santa Catarina, fazia com que aparelhos aqui instalados, providos de potentes antenas, pudessem captar esses sinais.”

[...] fora instalada pelo senhor Nereu Schiefler, com patrocínio das lojas que viam um segmento de mercado promissor, a venda de aparelhos e antenas de televisão.” As dificuldades técnicas e políticas foram muitas “... houve até interferência do Governo Federal decretando o fechamento da repetidora, pois diziam que era clandestina, mas como a força política de Itajaí na época era muito forte, o problema foi resolvido e voltamos a ter televisão.”

CRONOLOGIA

03 de outubro de 1928 – O jornal **O Pharol** publica a primeira notícia sobre transmissão de televisão nos Estados Unidos.

22 de julho de 1961 – o jornal **Itajaí** noticia que Nereu Schiefler consegue captar imagem de televisão em sua residência à Rua Lauro Muller.

13 de agosto de 1961 – o **Jornal do Povo** anuncia que Nestor Schiefler proferiu recentemente palestra acerca da captação de imagem de TV em Itajaí.

13 de novembro de 1965 – circula pela cidade durante a semana uma equipe técnica visando à instalação de uma retransmissora de televisão.

20 de novembro de 1965 – O **Jornal do Povo** estampa manchete garantindo que *“Televisão será realidade. Equipe de técnicos itajaienses, bastante otimista. Experiências em fase final. Tudo indica que o Natal será com televisão”*.

04 de dezembro de 1965 – Prossegue o movimento visando instalar um retransmissor de sinal de televisão no Morro do Gravatá [Navegantes]. Um grupo de cotistas adquire aparelhagem que é colocada em teste durante a semana. A iniciativa conta com o apoio de grandes lojistas de Itajahy, destacando Rafael Dutra da empresa Dutra & Cia.

18 de maio de 1966 – chega à Itajaí a aparelhagem repetidora do Canal 6 TV Paraná - de Curitiba - e instalada no dia 19 de maio de 1966 na Ponta da Vigia em Armação.

20 de junho de 1966 – promovida primeira reunião para criação do **ITAVISÃO** que tem como objetivo reunir apreciadores de televisão na região.

30 de julho de 1966 – o **Jornal do Povo** anuncia resolução do Contel – Conselho Nacional de Telecomunicações - que proíbe o funcionamento da repetidora de televisão instalada na Armação pelo Itavisão – Itajaí Tevê Clube. Itajaí fica sem televisão novamente.

10 de setembro de 1966 – Ganha destaque na imprensa regional a campanha da Câmara Júnior e Itavisão para trazer a Itajaí imagem e som do Canal 12 de Curitiba.

19 de maio de 1967 – eleição e posse da nova diretoria do Itajaí TV Clube - ITAVISÃO. Presidente: Affonso Rodi. Diretores: Thésio Silva, Saturnino Konze, Newton Barriola, José Augusto Muller, Laureano Bittencourt, Nereu Schiefler, Nilson

Figueiredo, Orides Padilha, Honorato Sandri, Norberto Cândido Silveira Júnior, Osni Ern, Arapoti Sampoio.

01 de setembro de 1969 – entra no ar a TV COLIGADAS com transmissão oficial da Rede Globo, passando em janeiro de 1980 para a RBS-TV.

01 de agosto de 1971 – Itajahy recebe com perfeição a imagem da TV Cultura [canal 6 – Florianópolis]. A empresa fica representada em Itajaí pelo empresário Albery Narciso Finardi.

05 de maio de 1979 – itajaienses reprovam a unificação realizada entre a TV Cultura [canal 12] e TV Coligadas de Santa Catarina [canal 3] – retransmissores da TV Tupi. Antes da unificação os dois canais passavam a programação da TV Tupi em horários diferenciados.

19 de maio de 1979 – Iniciadas as obras para montagem de antena repetidora no Morro da Cruz visando receber sinal de televisão retransmitido pela TV Catarinense de Florianópolis.

19 de abril de 1980 – Itajahy fica sem o sinal da TV Tupi. A cerca de dois meses a antena tombou durante um forte vendaval e os proprietários do terreno não autorizaram novas obras no local. Impasse envolve a direção da TV Cultura, empresários Cidio Sandri e Alcides Pereira, Prefeitura Municipal de Itajaí.

25 de abril de 1980 – chegam à Itajaí técnicos visando religar a repetidora da TV Cultura – Florianópolis – instalada no Morro da Cruz.

05 de julho de 1980 – o itajaiense Antonio Patiño, artista que trabalha na Rede Globo de Televisão, no Rio de Janeiro, escreve ao Jornal do Povo garantindo que intercedeu junto à direção geral da empresa no Rio de Janeiro visando resolver problemas na qualidade da imagem captada em Itajaí retransmitida pela TV Catarinense.

20 de dezembro de 1980 – Itajaí ainda não recebe o sinal da TV Eldorado que retransmite de Criciúma a programação da TV Bandeirantes. Criciúma, Florianópolis, Blumenau e Joinville já receberam retransmissoras e a de Itajaí havia sido prometida para o mês de outubro.

21 de março de 1981 – O prefeito Amilcar Gazaniga anuncia que recebeu portaria do DENTEL – Departamento Nacional de Telecomunicações – outorgando permissão à municipalidade para promover o serviço de retransmissão de televisão no Morro da Cruz pelo Canal 13. O canal deverá ser destinado para a retransmissão da TV Bandeirantes pela TV Eldorado de Criciúma.

05 de abril de 1986 – proprietários do edifício Genésio Miranda Lins questionam a viabilidade técnica da Rede de Comunicações Eldorado instalar na cobertura do imóvel uma torre de transmissão da TV Vale do Itajaí – Canal 10, com estúdios no próprio edifício.

20 de setembro de 1986 – Anunciado o início das operações da TV VALE DO ITAJAÍ com instalações no Edifício Genésio Miranda Lins [Redondo]. Profissionais que integram a primeira equipe da TV: Eládio Cardoso, Luciene Cruz Michels, Renilda Santos, Jackie Rosa.

01 de setembro de 1995 – a TV Vale do Itajaí passa a integrar a Rede Record de Televisão com a desintegração da RCE – Rede de Comunicação Eldorado.

02 de agosto de 2000 – inicia a transmissão da TV BRASIL ESPERANÇA sob as lideranças do Bispo Samuel de Oliveira Francelino e seu irmão José Carlos Francelino.

17 de abril de 2002 – a TV Univali inicia transmissão pela VIACABO TV canal 17. O sistema de comunicação da Univali foi idealizado pelos professores Sidney Schead dos Santos, Édison Villela, Magru Floriano, iniciada com a Rádio Educativa Univali FM.

08 de dezembro de 2009 – assinado o convênio nº 012/2009 permitindo o compartilhamento de sinal entre a TVAL – TV da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – com a TV Câmara – de Itajaí.

02 de fevereiro de 2010 – entra em operação com transmissão pelo canal 09 da ViaCabo TV, em sinal compartilhado com a TV Assembléia Legislativa, a TV Câmara – Itajaí.

22 de junho de 2011 – entra em caráter experimental o sinal da ENTV – canal 06 – Viacabotv. A tevê pertence ao grupo MLO que edita o jornal Manchete do Vale.

10 de outubro de 2012 – entra no ar o canal 6 pela Viacabotv de Itajaí MCA TV (do grupo religioso Missão Comunhão de Adoração – MCA).

REFERÊNCIAS PARA PESQUISA

- 1 - FLORIANO, Magru. **Calendário Histórico de Itajaí: datas para compreender nossa história.** Itajaí: Brisa Utópica, 2010 [edição eletrônica].
- 2 - ROTHBARTH, Marlene da Silva; DEÓLLA, Lindinalva da Silva. **Famílias de Itajaí: mais de um século de história.** Itajaí: aut., 2005.

HEMEROTECA da Fundação Genésio Miranda Lins.

Jornais pesquisados: Diário da Cidade, Jornal do Povo, Itajaí, O Pharol, Novidades, Comércio, O Popular, O Libertador, O Tempo,

Entrevistas:

NIVALDO THEODORO SCHIEFLER concedida no dia 10 de julho de 2012

LUIZ DA SILVA concedida no dia 20 de junho de 2013 e 06 de junho de 2014

MÁRCIO MOREIRA concedida no dia 10 de dezembro de 2013

YVONNE LUCY KORMANN REBELLO concedida no dia 05 de junho de 2014

OSMAIR MAIA MOREIRA FILHO [Maíco] concedida no dia 06 de junho de 2014

MARIA LOURDES SCHIEFLER MATHIAS concedida no dia 30 de julho de 2014

TEXTO 3

QUADRAS DE UMA ALIANCISTA

Dolores Maria Pereira nasceu em Camboriú a 06 de março de 1918, modificando seu nome para Dolores Pereira Rodrigues ao casar com Manoel José Rodrigues. Foi uma das primeiras professoras da escola da localidade de Taquaras, lecionando também nas escolas das localidades de Várzea do Ranchinho, Vila Real, Braços Macacos – nos municípios de Balneário Camboriú e Camboriú. Entre “seus guardados” encontramos muitos documentos familiares datados de 1888, almanaques de farmácia, Kalenders e livros didáticos da “Série Fontes”. Talvez, as maiores preciosidades sejam diversos cadernos manuscritos contendo quadras temáticas de romances, tragédias e política que refletem o espírito de sua época.

Para ilustrar a arte de Dolores Pereira reproduzimos versos escritos no período compreendido entre os dias três e cinco de janeiro de 1932 intitulados “Quadras de um aliancista”. Neles Dolores evidencia o uso da força no processo eleitoral catarinense através de termos como “borracha” “geladeira” e “porrete”; denuncia atrocidades policiais que levam opositores aos hospitais após “surras” da polícia. Favorável à Revolução de Trinta a professora Dolores não poupa personagens conhecidos da História de Itajaí, como os irmãos Konder: Adolpho, Victor e Marcos - que estiveram ao lado de Washington Luis até o ocaso governista.

QUADRAS DE UM ALIANCISTA

Viva o Dr Getúlio Vargas

Isto deve ser o primeiro

Parahiba e Rio Grande

E o livre povo brasileiro.

Viva todos os oficiais
Soldados e os sargentos
E todo povo livre
Que aderiram ao movimento.

Despoussou-se o Cavanhaque
E seu compadre Julhinho
Blumenau prestista chora
Pelo Victor e o Adolfinho.

Senhor Adolfo prometeu
Aos catharinenses liberdade
Mas foi tanta da borracha
Que até dava piedade.

No Itajahy terra do Adolfo
Até é feio para cantar
A perseguição era tanta
Que até chegaram a matar.

Lá para o Rio do Sul
Município de Blumenau
Foi um tenente mandado
Por nome de Nicolau.

A ordenança do tenente
Chamava-se Vidal
Aquelles que apanhavam
Híam direto para o hospital.

Joinvile se intrincheravam
Junto do caes do porto
Sahiu alguns feridos
E dizem que alguns mortos.

Tinha em Rio do Sul
Prestista muito fallador
Queriam montar alliancista
E meter-lhe arreador.

Coitadinhos de nós
Que fosse o Prestes ao Cattete
O almoço era borracha
E a janta era o porrete.

Os alliancistas com os Prestes
Não queriam brincadeira
Quando não era borracha
Era espada e geladeira.

Isto estou dizendo
E todo mundo diz
Que o mais duro de roer
Era o Washington Luiz

Os prestistas de hoje
Nem parecem os que falavam
Se não metiam a borracha
Mais eles é que mandavam.

Hoje os prestistas andam
Garrados na chaleira
Mais nós não somos o carrasco
Da borracha e a geladeira.

De nós não precisa medo
Nem tão pouco arreceio
Não fazemos como vocês
Só faziam papel feio.

Dos prestistas de hontem
Nós não temos rancor
Vocês vão prestar conta
É com o nosso governador.

Vocês quando chegar lá
Não se embarçar
Contem tudo direitinho
E quantos mandaram surrar.

Os prestistas nos puzeram
Até feios apelidos
Chamam nossos chefes
Ladrões, canalhas, bandidos.

Os lageanos prestistas
Deixaram suas casas
E todos de calça
Foram para baixo de aza.

O snr. Caetano Costa
E seus bons compareiros
Foram ter com o Adolfo
Porque lá tinha torpedeiro.

O tal de Custódio Campos
Do Rio do Sul saiu corrido
Por chamar os aliancistas
De gapeçadas bandidos.

Dia dez foi preso o Adolfo
Isto conforme o comunicado
Segundo informa o respetivo
Elle será processado.

Blumenau prestista chora
Pelo seu Vitor querido
Traz a notícia o jornal
Que ele vae ser banido.

O Marcos e o Aducci
Eu não sei que fim levaram
A carreira foi tamanha
E não sei se já pararam.

Liberaes vejo que eu digo
E disto ninguém se esqueça
Se nós perdessemos a revolução
Ficavamos sem a cabeça.

Não sou só eu que digo
Tem muita gente que diz
Que aviamos de ver carrascos
Julio Prestes e Washington Luiz.

Viva Alliança Liberal
Fez obra de predicação
Armou o braço do povo
E fez a revolução.

Ainda pouco eu disse
Que o Aduci não sabia
Mais elle foi prestar cont
Na quarta delegacia.

Viva os visinhos do Paraná
É alliancistas de facto
Prenderam o Affonço Camargo
O Salau Rebello e Prestes Neto.

Amigos fazemos festas
Não viguem couza passada
Olhe os prestistas como andam
Todos de crista arreada

Só uma couza quero dizer
Os amigos devem apoiar
Não deixem um só governista
Para a nós governar.

Isto não é que seja ruim
Nem é alguém que me ensina
Se nós perdessemos a revolução
Adeus Brasil para Argentina.

Assim mesmo da Argentina
Nos mandaríamos buscar
E quando chegasse aqui
Já sabe queira adivinhar.

Acabou-se a borracha
E também a persiguição
Mostramos aos prestistas
Que nós temos educação.

Dia oito de novembro
Houve festas e foguetes
Neste dia Dr. Getulio
Subiu as escadas do Catette

Dia quinze de novembro
Era o dia do Julhinho
Mais foi preso o Washington
Acabou-se os comesinhos.

Foi em mil novecentos e trinta
Isto deve ficar na Historia
Acabou-se a borracha
Geladeira e palmatoria.

Leia veja se gosta
Não sei si é couza boa
Mais me ajude dar um viva
Ao inesquecível João Pessoa.

TEXTO 4

REVOLUÇÃO FEDERALISTA: 120 anos da Batalha de Itajahy

No ano de 2013 registramos os 120 anos dos episódios bélicos ocorridos em Itajaí que integraram a Revolução Federalista. A cidade de Itajaí ficou sob tensão total por praticamente todo o mês de dezembro de 1893 com sua comunidade assistindo todos os horrores da guerra civil patrocinados pelas tropas legalistas e federalistas: saques, degolas, traições, batalhas campais sangrentas ...

A Revolução Federalista inicia oficialmente no Rio Grande do Sul no dia 02 de fevereiro de 1893 quando Gumersindo Saraiva adentra o território brasileiro oriundo do Uruguai e promove uma série de ações hostis aos governos federal (Floriano Peixoto) e estadual (Júlio Castilhos).

As primeiras tropas combatentes que chegaram à Itajaí foram federalistas, lideradas pelo lendário Gumercindo Saraiva. Elas chegaram no dia 30 de novembro de 1893 depois de longa e desgastante caminhada iniciada logo após o insucesso militar no cerco que patrocinaram à cidade gaúcha de Bagé.

“Após atravessar o rio Pelotas, a coluna de Gumercindo (o “Primeiro Corpo do Exército Libertador”) rumou para Lajes e conseguiu chegar em Blumenau onde, margeando o rio Itajaí-açu, galgou a cidade litorânea de Itajaí, pela qual pretendia se juntar aos revoltosos da Armada. Contrariado com os rumos da revolução, o general Salgado guiou sua coluna (o “Segundo Corpo do Exército Libertador”) pelo litoral e, após passar por Araranguá, Criciúma, Tubarão e Laguna resolveu seguir para Desterro antes de retornar ao Rio Grande do Sul. Mas, Gumercindo prosseguiu sua marcha setentrional em um plano audacioso: tomar as principais praças de guerra em terra montadas por Floriano no Estado do Paraná, Tijucas e Lapa, enquanto que Custódio de Melo se encarregaria do porto de Paranaguá. [...]”.(SÊGA, 2008, p. 103).

As tropas legalistas, representadas pela “Divisão do Norte”, comandadas pelo general Francisco Rodrigues Lima, chegaram à Blumenau no dia 03 de dezembro, rumando em direção à Itajaí no dia 06 de dezembro.

“Depois de montada a artilheria, que passava a ser conduzida por mulas, e a munição em carros, e de ser ordenado ao commando superior da guarda nacional que reunisse esta, seguiu a Divisão em direcção à cidade de Itajahy, passando pela freguezia de Belchior e acampando na de Gaspar, 14 kilometros distante de Blumenau, donde levantou acampamento para pernoitar no Barracão. Nesse dia mandou-se cortar o fio telegraphico, o que não foi conseguido. [...] (COUTINHO, 2011, p. 109-10)

As forças legalistas chegaram à Itajaí no dia 07 de dezembro. As forças federalistas sentindo a aproximação rápida da “Divisão do Norte” por Brusque ateiam fogo em duas pontes sobre o Ribeirão Canhanduba [grafado nos diários dos comandos militares como Canhanduva].

“Continuou a marcha em direcção ao rio Itajahy-Mirim, onde a Divisão chegou cedo e concluiu a passagem às 3 horas da tarde, auxiliada por duas balsas grandes e uma pequena, indo acampar a 10 kilometros de distancia, no lugar denominado Cunha.

Á tarde o general Lima teve comunicação que os rebeldes haviam queimado a ponte do rio Canhanduva, por onde tinha que passar a Divisão. Mandou então á Villa de Brusque contratar 20 carros para conduzir a munição.” (COUTINHO, 2011, p. 110-11).

Os combates envolvendo os exércitos federalista e legalista iniciaram no dia oito de dezembro às margens do Rio Pequeno [Itajaí-Mirim]. O campo de operações bélicas compreendia as atuais localidades de: Canhanduba, Arraial dos Cunha, Quilômetro Doze, Itaipava, Carvalho, Ressacada, Vila Operária, Rio Pequeno, Matadouro, Barra do Rio, Centro, São João, Fazenda.

“Ao clarear do dia, seguiu a vanguarda [legalista] para descobrir o inimigo. Á tarde o general [Lima] foi sabedor que os revolucionarios estavam entrincheirados na margem opposta daquelle rio, fazendo nutrido fogo de fuzilaria e artilheria; mandou fazer reconhecimento a vivo fogo, ao que resistiu o inimigo, disparando cêrca de 200 tiros de canhão, auxiliado por um pequeno vapor que da barra do Itajahy tambem fazia muitos disparos de artilheria. Houve uma conferencia para resolver se deviam atacar com os 2.000 homens que ali tinham, ou esperar pelas brigadas dos coronéis Menna Barreto e Firmino, sendo todos de parecer, e que ficou resolvido, atacar-se o inimigo “fosse com que numero fosse”. (COUTINHO, 2011, p. 111).

No dia nove de dezembro as forças legalistas são divididas em duas colunas que marcham sobre a Villa de Itajahy sob comando do general Lima e do coronel Salvador. O avanço da tropa inicia às cinco horas da tarde, continuando noite à dentro e manhã do dia dez de dezembro.

“Marcharam as forças para fóra da picada com o fim de tomar posição para um assalto. Foram divididas em duas columnas. – A primeira, composta da 1ª e 3ª brigadas, sob as ordens immediatas do general Lima e a 2ª, composta da 4ª e 6ª brigadas, sob as ordens do coronel Salvador.

A esta columna acompanhava o senador Pinheiro Machado e a artilheria.

Separadas as duas columnas ás 5 horas da tarde, a 1ª embrenhou-se em uma montanha para cruzal-a de noite, luctando com toda a sorte de sacrificios entre rochedos e profundas sangas, donde só poudo sahir no dia 10, às 8 horas da manhã.

A outra columna luctou tambem com muitos sacrificios.” (COUTINHO, 2011, p. 111).

Como consequência do avanço legalista os federalistas abandonam trincheiras ao longo da localidade de Carvalho. Na oportunidade chegam as forças dos coronéis Mena Barreto e Firmino de Paula como reforço para os legalistas, enquanto os federalistas recebem reforços de cerca de trezentos homens liderados por Aparício Saraiva vindos do porto de São Francisco do Sul. Também recebem o reforço da coluna do coronel Artur Maciel do estado-maior do general Gumercindo Saraiva. Ainda na tarde do dia dez de dezembro os federalistas promovem ataque contra as forças legalistas que perdura até cerca das oito horas da noite.

Os legalistas registram em documentos oficiais a morte de cinco homens, contabilizando ainda cerca de 21 feridos. Os autores divergem acentuadamente quanto aos números de mortos e feridos nas batalhas realizadas no território itajaiense. Fala-se em 05, 180, 600 e até 800 mortos por parte dos legalistas e até 91 mortos por parte dos federalistas. Números, obviamente, que jamais teremos a devida confirmação.

No final do dia 10 de dezembro as tropas federalistas embarcam nos navios “Meteoro” e “Uranus” evitando novos confrontos com as forças legalistas mais bem equipadas e numerosas. Na partida os federalistas assassinam brutalmente o comerciante Rodolfo Herbst.

“O inimigo, sentido as forças legaes já na rectaguarda, fugiu, abandonando a posição em que estava, e dois mortos, armas, munição e pouco fardamento de

marinheiros. Então o general Lima mandou tocar o hymno nacional pela musica do 1º batalhão da brigada militar, commandado pelo intrépido tenente-coronel Carlos Frederico de Mesquita.

Às dez horas reuniram-se as duas columnas; a força tomou nova posição para atacar no dia 11.

Nesse mesmo dia chegaram os coroneis Firmino de Paula e Menna Barreto com suas brigadas, os quaes andavam ausentes em serviço.

À tarde o inimigo atacou com fuzilaria e artilharia, durando o mortifero fogo até ás oito horas da noite.

A 1ª brigada, commandada pelo valente official major Antonio Tupy Ferreira Caldas, e que era composta dos valentes 9º, ala esquerda do 13º e 30º batalhões, sendo os dois ultimos de linha, sustentou nutrido fogo, com a valentia de sempre, até ao escurecer, sendo então rendida pela 3ª brigada ao mando do coronel Antonio Pedro Caminha.

Mortos das forças legaes foram 5, e feridos 21, sendo no numero dos primeiros o valente alferes do 30º batalhão Antonio Alves, e no número dos feridos o valente capitão Pedro Ghen, do 9º batalhão provisório.

O hospital de sangue foi feito em uma casa junto á referida ponte.

O inimigo fugiu ás 8 horas da noite, deixando alguns mortos e feridos.[...] .”
(COUTINHO, 2011, p. 112).

No dia 11 de dezembro a “Divisão do Norte” avança sobre o centro da Villa de Itajahy abandonado na madrugada do dia anterior pelas forças federalistas. Os legalistas instalam dois canhões Krupp no morro da Atalaia para proteger a boca da barra. O general Lima assina em Itajaí a “Ordem do Dia” de número 62 onde detalha as batalhas travadas na cidade. As tropas legalistas aprisionam os vapores federalistas **Progresso** e **Charuto** contendo gêneros essenciais para a alimentação da tropa, como sal, farinha e feijão.

“Na manhã desse dia [11] avançou a 1ª e a 3ª brigadas para reconhecer a posição que tomavam os rebeldes. Chegando á cidade nada encontraram.

Apresentou-se á vanguarda o juiz da comarca de Itajahy, dr. Mello, que informou ter o inimigo embarcado, abandonando a cidade.

O general Lima fez avançar as linhas de atiradores, tomou conta da cidade e mandou avançar até á barra, para reconhecer os pontos mais estratégicos.

Imediatamente o mesmo general fez concertar o vaporsinho Progresso. Mandou examinar por nadadores si estava n’agua uma peça de artilharia que se dizia ter o inimigo deixado cahir com a precipitação do embarque. Mandou avançar dois canhões Krupp, que foram collocados em frente á barra, guarnecida pela 2ª brigada. Mandou convidar as familias que haviam passado para o lado opposto do Itajahy a virem para suas casas, o que fizeram.[...] .”
(COUTINHO, 2011, p. 113).

Surpreendentemente os navios federalistas tendo à frente o cruzador “República” retornam à Itajaí no dia 12 de dezembro e promovem fogo de artilharia contra alvos militares legalistas. Danificam novamente a Ponte dos Werner sobre o Rio Conceição [Canhanduba] em Carvalho, destroem trincheiras legalistas no Morro da Atalaia - boca da barra. A “Divisão do Norte”, também de forma inesperada, resolve deixar Itajaí pela estrada de Brusque no dia 13 de dezembro.

“Às 4 horas da tarde apareceram fóra da barra dois navios rebeldes, que dispararam alguns tiros de canhão contra a artilharia legal de terra. Em conferencia foi combinado se deviam as forças seguir para o norte em protecção ao general Argolo ou para o sul em protecção ao general Arthur Oscar, ficando resolvida a marcha para o sul.” (COUTINHO, 2011, p. 122).

Enquanto as tropas legalistas [Divisão do Norte] deixavam a cidade de Itajahy com o objetivo de retornar ao território gaúcho em apoio às tropas do general Arthur Oscar os navios revoltosos voltavam a bombardear Itajaí, com as tropas federalistas assumido novamente o controle da Villa a partir do dia catorze de dezembro. A partir daí ocorrem diversos atos de vingança que atingiram aqueles acusados de ajudarem as tropas legalistas. Por este motivo foi degolado o comerciante Procópio José de Bayer.

“A 13 de dezembro a Divisão encetou a marcha combinada, depois do que entraram dois navios rebeldes em Itajahy, onde não havia mais força, fazendo fogo de artilharia. Os revolucionarios apossaram-se novamente da cidade, fazendo constar, em boletins, que os republicanos haviam perdido 600 homens no ultimo combate. Nesse mesmo dia passaram pela ponte queimada de Canhanduva duas brigadas das forças leaes e quatro pela volta, avançando a vanguarda, sob o commando do coronel Salvador, em direcção de Blumenau. O general Lima ordenou aos coroneis Menna Barreto e Firmino de Paula que marchassem em direcção da villa de Brusque.” (COUTINHO, 2011, p. 123).

“[...] as tropas do governo voltaram para Blumenau e pretendiam dirigir-se para o Paraná, mas de repente foi notado que haviam deixado Blumenau e se dirigiram para o planalto. Pouco tempo após já se ouvia o barulho das máquinas e do marolar das ondas produzido pelos pequenos vapores requisitados pelos revolucionários que se aproximavam de Blumenau, vindos de Itajaí.” (HERING, 1980, pag. 70).

“O general Lima seguiu com o resto da força para o passo do Limoeiro, no Rio Pequeno, onde chegou às 10 horas da manhã e começou a passagem, que terminou as 3 da tarde, indo acampar num nucleo colonial chamado Barracão.

Ahi recebeu uma carta do delegado de policia de Cambriú, que dista 11 kilometros de Itajahy, communicando ter chegado do Estado do Rio Grande uma Columna de 2.000 homens para encorporar-se ás forças do coronel Oscar e que, em Tijuca, chegaram 2.000 rebeldes, embarcados no Porto Bello. A Divisão já havia caminhado cêrca de 30 kilometros depois que sahira de Itajahy.”(COUTINHO, 2011, p. 113).

No dia 16 a “Divisão do Norte” acampa na Freguesia de Gaspar e pernoita perto da localidade de Belchior servindo-se da estrutura oferecida por Blumenau para recompor suas forças com armas, roupas e alimentos, além de cuidar dos feridos.

“A força [Divisão do Norte] conservou-se acampada e se cuidou dos feridos em Itajahy, os quaes foram para o hospital, em Blumenau [...] Nesta cidade o commando da Divisão mandou fazer balas de artilharia [...] foi dada ordem para as brigadas comprarem alguma roupa para os soldados.”(COUTINHO, 2011, p. 124).

Enquanto a “Divisão do Norte” continuava nas cercanias de Gaspar e Blumenau os revoltosos ocupam por definitivo, no dia 19 de dezembro, todo o território entre Gaspar-Brusque-Itajahy com as vanguardas das duas tropas promovendo choques rápidos, apresentando mortos e feridos de ambos os lados.

“O tenente-coronel Fabricio Pillar foi no vapor Progresso observar o inimigo na entrada do Itajahy, indo ao mesmo tempo uma escolta por terra até á ponte queimada, comandada pelo tenente-coronel Pimenta. Nesse dia foi destruido algum fardamento, Ás 10 horas da noite chegou a comunicação do tenente-coronel Pillar de terem entrado no rio Itajahy tres vapores rebeldes.”(COUTINHO, 2011, p. 124-5).

“Cêdo foi determinado que as forças se conservassem em ordem de marcha, que se abreviasse a compostura das armas e o fabrico das balas de artilharia que se estavam fazendo na fundição de Blumenau. Regressou o tenente-coronel Pillar [dia 20] e communicou que em uma volta grande do rio encontrou um vapor do inimigo [dia 19], o qual retrocedeu ante o fogo de fuzilaria que lha fazia uma escolta legal que havia desembarcado do Progresso e que o dito vapor, ao fugir, disparou 5 tiros de metralha.”(COUTINHO, 2011, p. 125).

No dia 20 de dezembro a “Divisão do Norte” continua nas cercanias de Gaspar e Blumenau. O diário do general federalista Francisco da Silva Tavares promove relato

minucioso das questões que envolvem o alto comando revoltoso em Santa Catarina e os motivos que o impelem a voltar ao território rio-grandense.

“[...] À 1 hora da tarde chegou o General Salgado com 1.200 homens em expedição a Itajaí para destroçar a coluna Pinheiro Machado. Disse-me que há muito rompera com o Governo Provisório. Primeiro, por causa de sua politicagem positivista contrariando as vistas da revolução Rio-Grandense e estivera disposto a regressa para o Sul [...] deu-me para extrair cópia da representação que recebeu de seus comandados pedindo para voltarem para sul [...]” (CABEDA, 2004, pag. 148).

No seu diário de campanha o general Francisco da Silva Tavares dá como certa vitória militar sobre a “Divisão do Norte” nas proximidades de Blumenau já no dia 21 de dezembro, o que efetivamente não ocorre.

“À tarde chegam telegramas de Itajaí que Gumerindo cerca a coluna de Pinheiro e Lima com 1.300 homens a fim de dar batalha e destroçar essa coluna inimiga.” (CABEDA, 2004, pag. 1151).

Segundo informações colhidas pelos legalistas as tropas federalistas continuam a reforçar sua posição em Itajaí no dia 22 de dezembro.

“O commando da Divisão teve parte que dois navios inimigos se achavam no rio Itajahy, sondando-o, distante dali 20 kilometros, mais ou menos. Então foram tomadas todas as providencias, sabendo-se mais tarde serem quatro os navios e não dois. Seguiu uma descoberta do 1º regimento da brigada militar, que chegando naquelle rio, o seu commandante, capitão Jordão A de Oliveira, fez passar um cabo e um soldado, com o fim de observar o movimento dos rebeldes. [...] Continuando a apparecer no rio Itajahy dois vapores, foi ordenado ao coronel Pithan que em Brusque comprasse gado e viveres para as forças.” (COUTINHO, 2011, p. 128).

No dia 23 de dezembro as forças revoltosas constataam que o telégrafo entre Tijucas e Itajaí sofreu interrupção por sabotagem legalista e as previsões otimistas feitas no dia anterior quanto “destroçar” a “Divisão do Norte” em Blumenau não se confirmaram.

“Disse-me o almirante que o telégrafo entre Tijucas e Itajaí está interrompido e crê que tenha sido cortado pelas forças de Pinheiro e Lima, ou alguma partida que cruzasse nessas imediações. Dizem prisioneiros que Pinheiro não está nas forças, ignorando o seu destino, acrescentando os prisioneiros que tenha ido para S. Paulo. [...]”

Maciel acaba de embarcar com Salgado e Estácio para Itajaí. As operações militares nesse ponto estão difícilíssimas por ter a coluna Pinheiro e Lima ocupado uma posição inexpugnável.” (CABEDA, 2004, pag. 153).

No dia 25 de dezembro o governo Floriano prorroga até 31 de janeiro de 1894 o estado de sítio que incluí o território de Santa Catarina devido à Revolução Federalista. O comando da “Divisão do Norte” continua acampado na região entre Gaspar e Blumenau orientando a retirada da tropa em direção à serra. A chuva forte que há dias não dava trégua aos retirantes dificultou em muito toda a manobra militar legalista. Nesse interin os federalistas consolidavam posição em toda a região próxima a Itajaí.

“Avançou a 4ª brigada além de Blumenau. Entre esta cidade e Brusque foi collocado um corpo que tomou a necessaria posição.

O general Lima recebeu cartas que contavam a aproximação dos rebeldes em Jaraguá.”(COUTINHO, 2011, p. 128).

“O Almirante chegou às 3 horas da tarde a Itajaí onde, dizem, fora exigir que os Generais atacassem Pinheiro Machado que se acha nas matas da Serra em Blumenau! [...]” (CABEDA, 2004, pag. 154).

No dia 26 de dezembro o comando da “Divisão do Norte” aquartelou-se nas cercanias de Blumenau esperando o ataque das forças rebeldes enquanto o grosso da tropa seguia em direção a Rio do Sul. Mas o conflito somente ocorreu no dia 27 entre tropa de vanguarda legalista e uma tropa de cerca de 300 homens comandados por Apparicio Saraiva nas proximidades da localidade de Têsto. Contudo, não ocorreram grande número de baixas em ambas as forças.

Somente no dia 02 de janeiro de 1894 a totalidade do efetivo integrante da “Divisão do Norte” ultrapassou o Rio Lontras e chegou a Rio do Sul. Nesses primeiros dias eram constantes pequenos focos de luta na região compreendida entre Itajaí e Blumenau. Entre Itajaí e Lages as forças legalistas enfrentaram fome e enchente

chegando a Lages somente no dia 13 de janeiro de 1894, logo em seguida retornando ao território do Rio Grande do Sul.

A importância da Batalha de Itajaí para a história do Brasil deve-se ao fato de ter ocorrido nesse momento a junção estratégica das forças terrestres e navais integrantes de duas revoltas [Revolta da Armada e Revolução Federalista] que até então corriam paralelas, mas sem operar conjuntamente no campo de batalha.

Para se ter uma ideia próxima da dimensão e extensão do conflito ocorrido em nosso território, no ano de 1893 a Villa de Itajahy contava com aproximadamente doze mil habitantes. A “Divisão do Norte” chegou a ter em Itajaí efetivo próximo a quatro mil soldados, enquanto o “Primeiro Exército Libertador” e os navios da “Revolta da Armada” chegaram a mobilizar em Itajaí forças superiores a dois mil homens. Mantida a devida proporção, se o conflito fosse realizado nos dias de hoje, estaria envolvendo diretamente dois exércitos compostos por cerca de cem mil soldados.

As duas revoltas que atingiram diretamente a Villa de Itajahy [Revolução Federalista e Revolta da Armada] tiveram fundamental importância na configuração política de nossa comunidade. Esta configuração vai se estender durante toda a Primeira República, cujo ocaso ocorre com o advento da Revolução de 30.

REFERÊNCIAS PARA PESQUISA

- ABRANCHES, Dunshee de. **A Revolta da Armada e a Revolução Rio-Grandense**. Rio de Janeiro: M. Abranches, 1914.
- ALBERNAZ, Paulo Mangabeira. **Episódios da Revolução Federalista no Paraná**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1978.
- ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luis H. [Orgs]. **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: FURG, 1993.
- BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- BARETTA, Sílvio R. D. **O Rio Grande do Sul e a República: reflexões preliminares sobre a revolução de 1893**. Campinas: Paper para o CPG em História / UNICAMP, s/d.
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da república**. São Paulo: Fulgor, 1957.
- BAUMGARTEN, Christina. **O espírito de uma época – a saga da família Baumgarten [biografia romanceada]**. Blumenau: HB, 1999.
- BELLO, José M. **História da República**. 8 ed. São Paulo: Nacional, 1983.
- BOITEUX, Henrique. **A república catarinense [notas para sua história]**. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1927.
- BOITEUX, José Arthur. **Os partidos políticos em Santa Catarina - 1821-1871 [I parte]**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

- BOITEUX, Lucas Alexandre. **A pequena história catarinense**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1920.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. **Efemérides Catarinenses**. Florianópolis: IHGSC, 1921.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. **História de Santa Catarina**. São Paulo: Melhoramentos, 1919.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. **Notas para a história catharinense**. Florianópolis: autor, 1911.
- BORMANN, José Bernardino. **Dias fratricidas – memórias da Revolução Federalista no Estado do Paraná**. Curitiba: Livr. Econômica, 1901.
- BRUECKHEIMER, Max. Memórias de Max Brueckheimer IN: **Blumenau em Cadernos**. Tomo X. Outubro de 1969. Pag. 157-203.
- BRUM, Argemiro Jerônimo. **Democracia e partidos políticos no Brasil**. Ijuí: UNIJUI, 1988.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história – cinco séculos de um país em construção**. São Paulo: Leya, 2010.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Breve notícia sobre o poder legislativo de Santa Catarina. Suas legislaturas e legisladores 1835-1974**. Florianópolis: Lunardelli, 1975.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque. Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do império**. Brusque: Soc. Amigos de Brusque, 1958.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 4 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Santa Catarina – história e evolução**. Col. Brasileira, vol 80. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.
- CARNEIRO, David. **O cerco da Lapa e seus heróis. Antecedentes e consequências da Revolução federalista no Paraná**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1991. Col. Gen. Benício, v.277.
- CARNEIRO, David. **Gomes Carneiro e a consolidação da república**. Curitiba: autor, s/d.
- CARNEIRO, David. **O Paraná e a Revolução Federalista**. Rio de Janeiro: Atena, 1944.
- CARNEIRO, David. **Como chegou o Positivismo ao Paraná**. Curitiba: Centro Positivista do Paraná [mimeo], 1978.
- CARONE, Edgard. **A República Velha, evolução política**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.
- CASTRO, Sertório de. **A República que a Revolução destruiu**. Brasília: EdUNB, 1982.
- CHACON, Vamireh. **História dos partidos brasileiros**. Brasília: edUNB, 1985.
- CINTRA, Assis. **Histórias que não vêm na História**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1928.
- CORRÊA, Carlos Humberto. **Governantes de Santa Catarina de 1739-1982**. Florianópolis: EDUFSC, 1983.
- CORRÊA, Carlos Humberto P. **Guia dos governantes de Santa Catarina**. Florianópolis: SEC, 1979.
- CORRÊA, Carlos Humberto P. **Militares e civis num governo sem rumo. O governo revolucionário provisório do Desterro 1839\1894**. Florianópolis: Lunardelli, 1990.
- CORRÊA, Carlos Humberto. **Santa Catarina – quatro séculos de história**. Florianópolis: Insular, 2000.
- CORRÊA, Carlos Humberto. **Um estado entre duas repúblicas**. Florianópolis: EDUFSC, 1984.
- CORREIA, Leôncio. **Barão do Serro Azul**. Curitiba: Dicesar Plaisant, 1942.

COSTA, Emília V. da. **Da monarquia à república**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, Sandro da Silveira. **Santa Catarina – história, geografia, meio ambiente, turismo e atualidades**. Florianópolis: Postmix, 2011.

COUTINHO, Albino José Ferreira. **Marcha da Divisão do Norte**. Porto Alegre: Oficina Tip. Correio do Povo, 1896.

COZZA, Dino Willy. **Operações navais em Paranaguá em 1894**. Palestra, 1994.

CRUZ COSTA, João. **Pequena história da república**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DEEKE, Fides. A Guarda Cívica de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**. Tomo VI. 1963. Nº 07. Págs. 129-40.

DEEKE, Fides. Memórias de Fides Deeke. **Blumenau em Cadernos**. Tomo VII. 1964. Nº 02. Págs. 17-20.

DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995.

DIAS, Rafael; RODRIGUES, Otávio Augusto Auler. **Geografia e História de Santa Catarina: para vestibulares e concursos**. Florianópolis: Ed. autor, 2008.

DORNAS FILHO, João. **Apontamentos para a história da república**. Curitiba: Guaíra, 1941.

DORNELLES, Sejanos. **Gumersindo Saraiva: o guerrilheiro pampeano**. 2.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

DOURADO, Ângelo. **Voluntários do martírio – narrativa da Revolução de 1893** [fac-símile da Ed. De 1896]. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977.

ESCOBAR, Wenceslau. **Apontamentos para a história da revolução rio-grandense de 1893**. Brasília: UNB, 1983.

ESCOBAR, Wenceslau. **Réplica a todos os contraditores de meus apontamentos para a história da Revolução Rio-Grandense de 1893**. Porto Alegre: Globo, 1921.

ESMERALDINO, Herval Ângelo. [coord. Supervisão]. **A história do legislativo: 1860-2012**. Itajaí: Câmara de Vereadores de Itajaí, 2012. Textos de Edison d'Ávila e Vânia Campos.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. Porto Alegre: Globo, 1958.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: USP-FDE, 1996.

FERREIRA, João C. **Gomes Carneiro e o cerco da Lapa**. Curitiba: Plácido e Silva, 1928.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Em busca da Idade do Ouro. As elites fluminenses na Primeira República [1839-1930]**. Rio de Janeiro: EdUFRJ / Tempo Brasileiro, 1994.

FICKER, Carlos. **História de Joinville – subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. Joinville: tip. Ipiranga, 1965.

FLORES, Elio Chaves. **No tempo das degolas: revoluções imperfeitas**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). **Revolução Federalista – estudos**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

FLORES, Moacyr (org). **1893-95: a Revolução dos Maragatos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

FLORIANO, Magru. **Calendário histórico de Itajahy**. [em pesquisa – anotações].

FLORIANO, Magru. **História da imprensa de Itajahy** [em pesquisa – anotações].

FLORIANO, Magru. **Itajaí: uma cidade em busca de seu fundador – textos compilados**. Vol I. Itajaí: Brisa Utópica, 2013.

FLORIANO, Magru. **Quem escreve em Itajaí – indicador da literatura e jornalismo da Região da Grande Itajaí até 2000**. Itajaí: Brisa Utópica, 2002.

FONTES, Henrique da Silva. **Pensamentos, palavras e obras: Terceiro caderno de Itajaí. I parte.** Florianópolis: Ed. autor, 1963.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e camadas médias urbanas na crise da primeira república.** Tese mestrado FFCL\USP, 1974.

FRANCISCO, João. **A revolução de noventa e três.** 2.ed. Porto Alegre: Renascença/Edigal, 2011. Coleção Revolução Gaúchas.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **História e teoria dos partidos políticos no Brasil.** São Paulo: alfa-Omega, 1974.

FRANCO, Sérgio da Costa. **A guerra civil de 1893.** Porto Alegre: UFRGS, 1993.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época.** 4ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FREIRE, Felisberto. **História da Revolta de 6 de setembro de 1893.** Brasília: EdUNB, 1982.

FURTADO, Celso. **Análise do modelo brasileiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

GOYCOCHÊA, Castilhos. **Gumersindo Saraiva na guerra dos Maragatos.** Rio de Janeiro: Alba, 1943.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

GROSS-HERING, Gertrudes. Retrospecto IN: **Blumenau em Cadernos.** Tomo III. Setembro 1960. Nº 09, páginas 172-4.

GUASINA, Luiz de Senna. **Diário da Revolução Federalista.** Porto Alegre: AHRGS/Ed. EST, 1999.

GUIMARÃES, Antônio Ferreira Prestes. **A Revolução Federalista em cima da serra 1892-1895.** [...].

HAHNER, June E. **Relações entre civis e militares no Brasil (1889-1898).** São Paulo: Pioneira, 1975.

HERING, Paul. **Memórias – anotações – aventuras: 1861-1942.** Trad. Frederico Kilian. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1980.

HOERNER JÚNIOR, Valério. **Maragatos.**

HOLANDA, Sérgio Buarque de [org]. **História geral da civilização brasileira.** 7 vols. São Paulo: Difel, 1960-1972.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

HÜBENER, Laura Machado. **O comércio do Desterro no século XIX.** Florianópolis: EDUFSC, 1981.

KOHL, Dieter Hans Bruno. **Porto Belo – sua história sua gente.** 2.ed. Blumenau: Odorizzi, 2001.

KONDER, Alexandre. **Os Halifax.** Rio de Janeiro: Org. Simões, 1952.

KONDER, Marcos. **A pequena pátria.** São Paulo: Melhoramentos, 1923.

KONDER, Marcos. **Lauro Muller.** 2.ed. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1957.

LACERDA, Arthur V. **O Positivismo e a política.** Curitiba; Centro Positivista do Paraná, 1992.

LACERDA, Francisco Brito de. **Cerco da Lapa do começo ao fim.** Curitiba: SECE, 1985.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Partidos e políticos de Santa Catarina.** Florianópolis: EdUFSC, 1983.

LIMA, José Carvalho. **Narrativas militares – a Revolução do Rio Grande do Sul.** 2.ed. Porto Alegre: Casa dos Livros, 2009.

LOPEZ, Ricardo Aldapó. **Coração de caudilho – história real de gumersindo Saraiva na Revolução de 1893**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.

LOUREIRO JUNIOR, L. M. **Dados sobre a exportação catarinense 1892-1920**. Rio de Janeiro: Americana, 1922.

LUZ, Fábio; CARNEIRO, Davi. **Floriano – memórias e documentos**. Vol I. A invasão federalista em Santa Catarina e Paraná. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

MEIRINHO, Jali. **A república em Santa Catarina: 1889-1900**. Florianópolis: EdUFSC/Lunardelli, 1982.

MEIRINHO, Jali. **Datas históricas de Santa Catarina: 1500-2000**. 2.ed,ver,at. Florianópolis: edUFSC/Insular, 2000.

MEIRINHO, Jali. **República e oligarquias**. Florianópolis: Insular, 1997.

MINISTÉRIO DA MARINHA. **Biografia de Saldanha da Gama**. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1947.

MONTEIRO, Paulo. **Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo**.

MOTTA, Paulo Roberto. **Movimentos partidários no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MOURA, Euclides B. de. **O vandalismo no Rio Grande do Sul, antecedentes da revolução de 1893**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

MOURA, João D. de A. **A Revolta da Armada e a Revolução Rio-Grandense: correspondência entre Saldanha da Gama e Silveira Martins**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1955.

MURICY, José Cândido da Silva. **A revolução de 1893 nos estados de Santa Catarina e Paraná [memórias]**. Biblioteca Militar. Vol XCIX e C. Rio de Janeiro: Cia Ed. Americana, s.d.

OLIVEIRA, Cecília H. S. **A independência e a construção do império**. São Paulo: Atual, 1995.

OURIQUES, Jacques. **Drama do Paraná – episódio da tyrania do Marechal Floriano Peixoto**. Buenos Ayres, [...], 1894.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho – fronteira platina, direito e revolução**. 1 ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 2001.

PAULI, Evaldo. **Hercílio Luz governador inconfundível**. Florianópolis: IOESC, 1976.

PENNA, Lincoln de A. **O progresso da ordem; o florianismo e a construção da república**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

PENNA, Lincoln de A. **República brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEREIRA, Carlos da Costa. **A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1976.

PERISSINOTTO, Renato M. **Classes dominantes e hegemonia na República Velha**. Campinas: Unicamp, 1994.

PESAVENTO, Sandra J. **A revolução federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando. **Dicionário político Catarinense**. Florianópolis: ALESC, 1985.

PIAZZA, Walter Fernando. **O poder legislativo catarinense: das suas raízes aos nossos dias (1834-1984)**. Florianópolis: ALESC, 1984.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: EDUFSC\Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina História da gente – 2º grau**. 2.ed, ver. ampl. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

PICCOLO, Helga I. L. Fontes para o estado da Revolução Federalista de 1893. IN: **Seminário “Fontes para a história da revolução de 1893”**. Bagé: URCAMP Ed., 1983.

PILAR, Fabrício. **Memórias da Revolução de 1893**. Porto Alegre: Presença, sem data.

POMBO, Rocha. **Para a história; Notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1980.

POMBO, Rocha. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1905.

PORTO, Costa. **Pinheiro Machado e seu tempo**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PORTO, Manoel E. C. **Apontamentos para a história da república; um registro centenário**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

POSSAMAI, Zita (Org). **Revolução Federalista de 1893**. Porto Alegre: SMC – Caderno Ponto & Vírgula, 1993.

PRADO JUNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1966.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Martins, 1942.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945.

QUEIROZ, Suely R. R. **Os radicais da república; jacobinismo: ideologia e ação 1893-1897**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REBELO, José Angelo. **Sem história não dá. E assim se fez em Camboriú**. Camboriú\Balneário Camboriú: autor, 1997.

REVERBEL, Carlos. **Maragatos e pica-paus – guerra civil e degola no Rio Grande**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

RODRIGUES, Eduardo Contreiras. **Estácio Azambuja: ensaio biográfico**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.

RODRIGUES, Francisco Pereira. **O governicho e a Revolução Federalista**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

ROSA, Othelo. **Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: Globo, 1928.

RUAS, Tabajara; BONES, Elmar. **A cabeça de Gumercindo Saraiva**. 2ed. Rio de Janeiro: Ricord, 1997.

SACHET, Celestino: SACHET, Sérgio. **Santa Catarina: 100 anos de história**. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SAES, Décio A. M. **A formação do estado burguês no Brasil (1888-1891)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAMPAIO, Geraldo F. **A marcha da coluna Gumersindo Saraiva**. Rio de Janeiro: autor, 1965.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. 3ª ed. ver. ampl. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1995.

SARAIVA, Nepomuceno Garcia. **Memórias de Aparício Saraiva**. Montevideo: Medina, 1956.

SECUNDINO JÚNIOR, Octávio. **O solar do Barão**. Paranaguá: autor, s/d.

SÊGA, Rafael Augustus. **Tempos belicosos – a Revolução Federalista no Paraná**. 2.ed. Curitiba: Instituto Memória, 2008.

SENA, Davis R. de. **O grande desafio brasileiro: guerra civil 1892/5**. Rio de Janeiro: autor, 1995.

SERPA, Elio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: EDUFSC, 1997.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **História da República Brasileira – vol. I – nasce a república 1888\1894**. São Paulo: ed. Três, 1968.

SILVA, José Ferreira da. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1997.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. Florianópolis: EDEME, 1972.

SILVA, José Niepce da et alii. **Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894**. Curitiba: ed. Gráfica Paranaense, 1944.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Republicanism e federalismo - 1889-1902 – um estudo da implantação da república no Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1978.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação da sociedade brasileira**. São Paulo: José Olympio, 1944.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: civilização Bras., 1964.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da república brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A república; uma revisão histórica**. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

SOUZA E SILVA, Augusto Carlos de. **O almirante Saldanha e a Revolta da Armada**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1939.

CABEDA, Coralio Bragança Pardo (org). **Francisco da Silva Tavares. Diários da Revolução de 1893** – tomo I – Série Memória política do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Projeto Memória, 2004.

TAVARES, Joca. **Diários da Revolução de 1893** – tomo II - Série Memória política do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Projeto Memória, 2004.

THOMÁS, Cláudio Maria et alii. **História do Brasil**. Volume 4. São Paulo: LTD, 1964.

TONERA, Roberto. **A tragédia de Desterro**.

VARGAS, Túlio. **A última viagem do Barão do Serro Azul**. 2.ed. 2 tiragem. Curitiba: Juruá, 2009.

VASCONCELLOS, Álvaro de. **O almirante Custódio de Mello e a Revolução de 1893**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1949.

VERNALHA, Milton Miró. **Maragatos X Pica-Paus**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.

VIEIRA FILHO, Dalmo. **Santa Catarina – 500 anos – terra do Brasil**. Florianópolis: A Notícia, 2001.

ZIMMERMANN, H. P. Reminiscências IN: Blumenau em Cadernos. Tomo. 1970. Tomo XI. Pag. 149-151.

WESTPHALEN, Maria Cecília (Org). **Revolução Federalista**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1997.

WOLFF, Filipe M. **Cerco da Lapa**. [s/l]: autor, 1974.

TEXTO 5

ITAJAÍ: O SIGNIFICADO DO SEU NOME

Muito já foi escrito e, provavelmente, muita coisa ainda será escrita sobre a origem e o significado do termo ITAJAÍ. Esta discussão centenária deve-se ao fato de não encontrarmos unanimidade entre os memorialistas, historiadores, pesquisadores das línguas tupi e guarani, jornalistas e intelectuais em geral, sobre a origem e tradução do termo. Uma discussão quase secular que envolve nomes de destaque no cenário cultural catarinense, como é o caso de Norberto Cândido Silveira Júnior, Norberto Bachmann, Raulino Reitz, Gustavo Konder, Lucas Arthur Boiteux, Ayres Gevaerd, José Ferreira da Silva, Nemésio Heusi... entre tantos outros.

No ano de 2012 publicamos o livro “A lenda do Monte Tayó” como uma contribuição ao debate. Ali destacamos o fato de termos encontrado nada menos do que 36 maneiras diferentes de grafar o termo ITAJAÍ e 35 maneiras de interpretá-lo ou traduzi-lo.

Encontramos as seguintes maneiras de escrever a palavra ITAJAÍ: Taa-hy, Tacahug, Tahai, Tahei, Taiahug, Taiahung, Taiahy, Taixi, Tajabug, Tajahi, Tajahii, Tajahug, Tajahy, Tajai, Tajaim, Tajaiye, Tajay, Tayabeuhy, Tayabeuy, Tayahuy, Tayahy, Thajai, Téjay, Tejái, Tojahy, Tucuai, Tujuy, Iajahy, Iaujanjé, Itajahi, Itajahy, Itajaí, Ita jajai, Itajay, Itajuhy, Itéjay.

Por consequência dessa diversidade ao gravar o termo ITAJAÍ temos inúmeras possibilidades de interpretação. Encontramos 35 traduções possíveis:

Água boa

Água que corre sobre pedras

Aguada dos taiás

Dono da pedra

Ilhota

Machado de pedra

Óh! Que água excelente

Pedra Brilhante

Pedra de difícil acesso

Pedra de rio
Pedra laminada
Pedra lascada
Pedra marcada
Pedra no mato
Pedra que serve de referência
Rio com leito de pedra
Rio com pedra e mato
Rio da sereia das pedras
Rio das formigas
Rio das pedras
Rio das pedras juntas
Rio das pedras que emergem
Rio das pedras soltas
Rio das voltas
Rio de muitas pedras
Rio do jaó de pedra
Rio do Monte Tayó
Rio do ouro
Rio dos frutos de pedra
Rio dos Taiás
Rio onde há muitas pedras
Rio pedregoso
Rio pedrento
Rio que contém pedras
Rio que corre sobre as pedras.

Quanto mais fomos aprofundando nossos estudos sobre a vinda de Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond do Rio de Janeiro para Itajaí, mais foi aumentando nossa convicção de que o termo ITAJAÍ está diretamente vinculado à atividade mineradora no Vale. Isso deve-se à constatação de que Drummond estava umbelicalmente vinculado aos irmãos Andrada (Antônio Carlos e José Bonifácio de Andrada e Silva) que em 1820, data da chegada de Drummond ao Vale do Itajaí,

promoviam detalhado estudo sobre mineralogia nas terras sobre influência de São Paulo.

Esse estudo promovido pelos Andrada é publicado pelo próprio Drummond em Paris, quando todo o grupo político estava em pleno exílio na Europa, por conta de envolvimento direto no processo que culminou com a independência do Brasil. Na correspondência entre José Bonifácio (exilado em Portugal) e Vasconcelos de Drummond (exilado na França) não restam dúvidas sobre o interesse da dupla acerca da mineralogia e do mapeamento da riqueza do solo brasileiro.

O próprio Drummond é direto e objetivo quanto aos motivos que o trouxeram até o Vale do Itajaí. Em suas “Anotações” esclarece que veio até Santa Catarina pelos seguintes motivos: 1 - afastamento do Rio de Janeiro por questões políticas, já que estava envolvido com o “Clube da Resistência”, que muitos confundiram com uma loja maçônica por ali estar alojado grande número de “pedreiros livres” que ajudaram a conspirar contra o reino português e idealizar a independência do Brasil; 2 – localizar o “lendário Monte Tayó” de onde se tinha notícias que um membro da família Arzão teria retirado muito ouro.

Não obstante o esforço intransigente de muitos historiadores de defenestrar da nossa história a ação dos mineradores nos três primeiros séculos de nossa formação comunitária, as evidências sobre essa importante atividade estão presentes em todos os documentos, mapas e até na história oral de nossa gente. As primeiras atividades econômicas de relevância no Vale do Itajaí foram a mineração e o corte da madeira.

Para darem nome a um grande vale, além de diversos rios e uma cidade, os pioneiros deveriam estar diante de algo com grande relevância para os grupos envolvidos nesse batismo. Um vale com as dimensões e a diversidade do Vale do Itajaí poderia dar margens a um número infinito de possibilidades quanto ao nome de batismo. Mas, ao longo dos séculos, permaneceu sem qualquer questionamento o termo ITAJAÍ. Essa unanimidade e constância ao longo do processo histórico nos leva à convicção de que o termo está vinculado a algo fundamental, necessário, importante, na vida das pessoas que habitaram o Vale ao longo dos primeiros séculos (índios e brancos).

Acontece que nos três primeiros séculos (de 1500 a 1800) a navegação de grandes embarcações não era fundamento econômico, assim como a planta taiá não era fundamento na culinária local. As famílias aqui residentes eram proprietárias ou posseiras de pequenas unidades territoriais, com a economia baseada na agricultura de

subsistência, caça, pesca e escambo (trocas de produtos). Praticamente inexistia o mercado oficial, com circulação de moeda e relações comerciais de venda e compra de produtos. Era uma economia rudimentar. Nesse contexto de economia marginal sobressaíam as atividades clandestinas do corte da madeira e da extração de ouro, prata e pedras preciosas. A madeira saía das matas para formar “balsas” que desciam pelos afluentes do Rio Itajaí até a sua foz contando com os favores da maré vazante. O ouro era comercializado em mercado clandestino. Obviamente que, por serem atividades marginais, sem constarem nos registros oficiais do Estado brasileiro, isso não retira sua importância histórica, social e cultural.

Assim, no nosso entendimento, duas possibilidades acerca do termo ITAJAÍ são mais razoáveis:

A primeira delas diz respeito ao fato do Morro do Baú servir como uma grande “pedra” de referência a qualquer ser humano que esteja circulando pelo Baixo Vale do Itajaí ou navegando por nosso litoral. Não há como não notar sua existência no cenário regional quer por seu tamanho, quer por seu formato. Além do destaque visual, o Morro do Baú está relacionado com a busca do ouro no Vale do Itajaí desde os tempos do pioneiro João Dias de Arzão. Por isso mesmo alguns autores identificam nele o “lendário Monte Tayó”. Também pode ser visto como uma “pedra brilhante” já que, em determinado ângulo, o Morro do Baú surge à nossa visão como uma grande pedra que brilha intensamente ao por-do-sol.

Uma pesquisa séria sobre o significado do termo ITAJAÍ tem de se aprofundar nas questões que envolvem diretamente o Morro do Baú. Seria o Morro do Baú o lendário Monte Tayó de onde Arzão tirou ouro e que Drummond tentou localizar quase dois séculos depois como sendo seu eldorado? Seria o Morro do Baú a “pedra de referência” que os nativos e vicentistas utilizavam para circular pelo Vale do Itajaí? Ou seria o Morro do Baú simplesmente uma “pedra brilhante” ao final da tarde?

A segunda questão importante vinculada à tradução do termo ITAJAÍ diz respeito ao mapa de 1740 que encontra-se no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina em Florianópolis, localizando o Monte Tayó na morraria entre a bacia do Rio Itajaí-Mirim e a bacia do Rio Tijucas. Ali temos até os dias de hoje uma localidade denominada de “Brilhante” e foi bem perto dali que Drummond recebeu duas sesmarias do ministro Villanova Portugal com a incumbência de localizar o lendário Monte Tayó. Na foz do Rio Itajaí-Mirim ficaram estabelecidos faiscaidores afamados como João e Matheus Dias de Arzão. Na região inteira temos notícias de ter sido encontrado muito

ouro ao longo dos séculos. Essas notícias eram frequentes nos nossos jornais até o século passado (1900).

O problema de relacionar o termo ITAJAÍ à localidade de Brilhante entre as bacias dos rios Itajaí-Mirim e Tijucas é que temos de mudar muita coisa na nossa história oficial, a começar pela estória fantasiosa que a historiografia oficial nos oferece acerca da denominação da comunidade do Brilhante na Estrada Geral de Brusque. Obviamente que esse processo tem de ser muito criterioso, à luz do método científico.

Contudo, consideramos plausível a tradução do termo como sendo “pedra brilhante” decompondo-o da seguinte forma: ITA (pedra) + JAJAÍ (brilhante). Essa “pedra brilhante” pode oferecer duas motivações para aqueles que nominaram nossa região: 1 – ouro; 2 - referência visual.

No caso de ter sido a extração de ouro a motivação principal, as pesquisas devem seguir os caminhos do lendário Monte Tayó, que pode ser o próprio Morro do Baú (no Rio Grande) ou o Morro do Brilhante (no Rio Pequeno). Caso a motivação do batizado esteja na “referência visual” dada aos viajantes do Vale e litoral, temos de nos concentrar preferencialmente no Morro do Baú (no Rio Grande).

Contudo, consideramos que muitos estudos ainda devem ser realizados nessa área até chegarmos à uma posição conclusiva sobre a tradução do termo ITAJAÍ. Temos, por exemplo, de promover um laudo técnico sobre a constituição física do “Bico do Papagaio” para dar uma posição mais científica sobre a tese proposta por Hermes Justino Patrianova de ITAJAÍ ser referência a um “pássaro de pedra”.

Por isso mesmo consideramos extremamente salutares todas as discussões que foram promovidas ao longo do ano de 2013 na internet acerca do tema. Destacamos os debates entre historiadores e memorialistas ocorridas na página “Itajaí de Antigamente” no Facebook. Todo debate é importante porque destaca, acima de tudo, o interesse de nossos cidadãos mais cultos pelas coisas que dizem respeito à memória de nossa comunidade.

INDICAÇÃO DE LEITURA SOBRE O TEMA

- ASSIS, Cecy Fernandes de. **Dicionário guarani-português / português-guarani**. São Paulo: Saraiva, [....].
- BACHMANN, Norberto. Sobre a origem da palavra Itajaí in: **Jornal do Povo**, 23.01.1945, p.04.
- BARBOSA, A. Lemos. **Pequeno vocabulário tupi-português**. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1951.
- BAPTISTA, Leda Maria. **Simplesmente Gaspar**. Blumenau: Nova Letra, 1998.
- BOITEUX, Lucas A. (Alm.) O Rio Itajaí – O desvendamento da Costa – mapas e portulanos do tempo – nomenclatura litorânea – morfologia do nome. In: **Blumenau em Cadernos**. Pág. 23-5.
- BOITEUX, Lucas a (Alm.). **Dicionário histórico e geográfico do Estado de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.
- BOHN, Antônio Francisco (Pe.). **Paróquia de São Vicente de Paulo – Sua História**. Blumenau: 3 de maio, 2003.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história – cinco séculos de um país em construção**. São Paulo: Leya, 2010.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história – a incrível saga de um país**. 2. ed. rev. São Paulo: Ática, 2003.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 4.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- CARDOSO, Alfredo Emanuel. **Compêndio histórico e geográfico de Rio do Sul**. 2.ed. Rio do Sul: Jawi, 19[..].
- CARNEIRO, Marcio Matos. **Origem dos nomes dos municípios de Santa Catarina**. Blumenau: Nova Letra, 2006.
- CORDEIRO, Darlan Pereira. **Conhecendo Arqueologia**. Itajaí: ed. Autor, 2006.
- CORRÊA, Isaque de Borba. **Poranduba papa-siri – catalogação de manifestações inéditas do folclore do centro do litoral catarinense**. Camboriú: ed. Aut, 2001.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

- CUNHA E SILVA, Laércio; DE FARIA, Roberto Mello. **Itajaí – cem anos de município.**
- CUNHA E SILVA, Laércio; DE FARIA, Roberto Mello. **Anuário de Itajaí para 1959.** Niterói: Hoje, 1959.
- DEEKE, José. **O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento.** 2.ed. Blumenau: Nova Letra, 1995.
- DELL´ANTONIO, Lino João. **Nomes indígenas dos municípios catarinenses.** (...). Blumenau: Odorizzi, 2009. p.136-138.
- FLORIANO, Magru. **A lenda do Monte Tayó – contribuição à centenária discussão sobre o significado do nome ITAJAÍ.** Itajaí: Alternativa; Blumenau: Nova Letra, 2012.
- GAKRAN, Nambla et alii. **Dicionário bilíngüe Xokleng e Português.** Datilografado.
- HEUSI, Nemésio. **A fundação de Itajaí – sua história – seu romance.** Blumenau: do autor, 1982.
- KOHL, Dieter Hans Bruno. **Porto Belo – sua historia sua gente.** 1.ed. Porto Belo: ed. Aut., 1987.
- KONDER, Gustavo. Visita de um naturalista francês do século passado. In: **Jornal do Povo.** 28.08.1971, p.05.
- KONDER, Gustavo. A origem do nome de Itajaí In: **Blumenau em Cadernos.** P. 94.
- KONDER, Marcos. **A pequena pátria.** Blumenau: Livraria Blumenauense, 1958.
- KONDER, Marcos; SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Rio das pedras ou dos taiás? In: **Anuário de Itajaí 1949.** Itajaí: Aurora, 1949, p. 71-3.
- LAUS, Lausimar. **O guarda-roupa alemão.** 3. Ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- MIRANDA, Gil. Documento para a história de Itajaí in: **Jornal do Povo,** 27.02.1971, p.2 e 6.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de (S.J.) **Vocabulário de la língua guarani.**
- NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil.** 2.ed. ver.ampl. São Paulo: Leya, 2011.
- NIEBUHR, Marlus. **Memórias de Porto Franco ... Botuverá: a sua história.** Blumenau: Nova Letra, 2005.

- OLIVEIRA E PAIVA, Joaquim Gomes de (Arcipestre Paiva). **Dicionário toponímico, histórico e estatístico da província de Santa Catarina**. Florianópolis: IHGSC, 2003.
- PATRIANOVA, Hermes Justino. **Pequeno livro**. Florianópolis: do autor, 1986.
- PATRIANOVA, Hermes Justino. Taiá versus Taioba in: **Blumenau em Cadernos**, tomo XXXI, ago/1990, n.08, p. 185-7.
- PATRIANOVA, Hermes Justino. Cartas in: **Blumenau em Cadernos**, tomo XXXI, fev/1990, n.02, p.56-8.
- REITZ, Raulino. Itajaí significa rio dos taiás in: **Jornal do Povo**, 25.04.1948, p.02.
- RODRIGUES, J. Barboza. **Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1892.
- SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. **A colonização italiana no Vale do Itajaí-Mirim**. Florianópolis: Edeme/Lunardelli, 1981.
- SANTOS, Viviane dos; SOUZA, Elaine Cristina de. **Movidos pela esperança: a história centenária de Ilhota**. Itajaí: S&T, 2006.
- SERPA, Elio; RAMOS FLORES, Maria Bernadete. **Catálogo de documentos avulsos manuscritos referentes à Capitania de Santa Catarina – 1717 – 1827**. Florianópolis: Edufsc, 2000.
- SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento; Brusque: SAB, 1974.
- SILVA, Afonso Luiz da. **Itajaí de ontem e de hoje**. Brusque: Mercúrio/O Município, 19[..]
- SILVA, José Ferreira da. As terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond. **Blumenau em Cadernos**, Tomo VI, 1963. v. 4.
- SILVA, José Ferreira da. **A colonização do Valle do Itajahy – notas para a história do povoamento e cultura do valle do maior rio do litoral catharinense**. Blumenau: Correio de Blumenau, 1932.
- SILVARES, José Carlos. **Naufrações do Brasil: uma cultura submersa**. 1.ed. São Paulo: Cultura sub, 2010.
- SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Itajaí quer dizer: pedra laminada in: **Blumenau em cadernos**, Tomo X, nov/1969, n. 11, p. 218-220.
- SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido; DA SILVA, José Ferreira; Moraes, Gil. **Itajaí**. São Paulo: Escalibur, 1972.

- SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Cartas in: **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, n. 01, p. 23-4.
- SOUZA, Cláudio Bersi de; SERPA FILHO, Gentil Abílio. **Penha – a história para todos**. Florianópolis: Paralelo 27, 1995.
- THOMÁS, Cláudio M.; AZEVEDO, Paulo E. de. **História do Brasil. Vol I**. São Paulo: FTD, 1964.
- THOMÉ, Nilson. **Civilizações primitivas do Contestado**. 1.ed.Caçador: IUL, 1981.
- TOMIO, Telmo José. Obituário itajaiense 1791-1823 IN: **Anuário de Itajaí – 2010 – Itajaí: 150 anos**. Itajaí: FGML, 2011, pág 444-449.

TEXTO 6

Breve reflexão sobre a história de Itajaí: períodos históricos

Bem pouco se tem escrito sobre os primórdios da história de Itajaí. Visando contribuir para o preenchimento dessa lacuna na nossa literatura nos propomos a escrever uma série de artigos sobre o tema. O primeiro deles tenta estabelecer os “períodos históricos” que compõem o processo de formação do Município de Itajaí, bem como suas respectivas “fases”.

Podemos dividir nossa história em cinco períodos:

- 1 – período nativo:
 - 1.1 - Primeira fase: povos sambaquianos
 - 1.1 - Segunda fase: Tupi
- 2 – período de ocupação espontânea
 - 2.1 - Primeira fase: antes da Invasão Espanhola
 - 2.2 - Segunda fase: depois da Invasão Espanhola
- 3 – período de ocupação colonial
 - 3.1 - Primeira fase: sistema misto
 - 3.2 - Segunda fase: sistema colonial integrado
- 4 – período da autonomia
 - 4.1 - Primeira fase: autonomia político-administrativa
 - 4.2 - Segunda fase: porto público (federal)
- 5 – período metropolitano

1 – Período Nativo

Podemos dividir o “período nativo” em duas grandes fases: povos sambaquianos e grupos Tupi-Tapuias.

1.1 - fase povos sambaquianos

A primeira fase do Período Nativo é composta pela passagem em nosso território de povos sambaquianos nômades descendentes de diversas “tradições” tais como: “tradição Ibicui” – estabelecida na região da Bacia do Rio Uruguai há 13 mil anos a.C; e, a tradição Humaitá – estabelecida a partir da região de São Paulo há 4.500 a.C. Os estudiosos aceitam a tese de que essas tradições tenham incorporado atividades agrícolas e de confecção de cerâmica próximas a 1.500 a.C. Há possibilidade dessas duas grandes “tradições” terem dado origem a outras manifestações culturais encontradas nos sambaquis de nossa região, como é o caso da “tradição Itararé”. Contudo, vale o alerta no sentido de que muito há ainda para se pesquisar sobre nossa pré-história.

Na Região do Vale do Itajaí já foram encontrados importantes sambaquis perfazendo um total próximo a uma centena. Vamos fazer um breve resumo dos sambaquis mais próximos de Itajaí, considerando a obra do arqueólogo Darlan Pereira Cordeiro:

A – Sambaqui Gaspar I (Município de Gaspar) - sua datação está próxima de 5 mil anos A.P. O material desse sambaqui foi coletado pelo historiador Walter Piazza e está guardado no Museu do Homem de Sambaqui – Florianópolis.

B – Salto Alto (Município de Brusque) – sítio pré-cerâmico com cerca de 300 metros quadrados. Está localizado em terreno de morraria.

C – Sambaqui Laranjeiras I (Município de Balneário Camboriú) – explorado pelo padre João Alfredo Rohr em 1979 e tem características de sítios pré-cerâmicos. Ali foram recuperados 52 sepultamentos e tem datação entre 3.815 e 145 anos A.P. Estava localizado na morraria que cerca a Praia das Laranjeiras e ficou mais protegido do público.

D – Sambaqui Laranjeiras II (Município de Balneário Camboriú) – é um sítio com características da tradição itararé litorâneo. Datação entre 800 e 1300 anos A.P. Foi explorada pelo padre Rohr entre 1977 e 1978. Ele estava localizado defronte à Praia das Laranjeiras com o mar batendo à sua franja nas marés altas e ressacas. Foram encontrados 114 sepultamentos e retiradas 2.308 peças de pedra, como: talhadores, lâminas de machados, esmagadores, facas, raspadores, pesos-de-rede. Entre os objetos feitos de ossos temos: ossos apontados, agulhas, anzóis, espátulas.

E – Sambaqui Balneário de Cabeçudas (Município de Itajaí) – Foi explorado pelo padre João Alfredo Rohr em 1971. Foi localizado por acaso quando a diretoria do Iate Clube Cabeçudas resolveu construir um anexo a sua tradicional sede. Ficava a poucos metros da prainha que o Iate utilizava como rampa para retirar e colocar seus barcos n'água. Foram encontrados fragmentos da **tradição cerâmica Itararé** e sua idade calculada não deve ultrapassar 1.500 anos A.P. Foram encontrados 56 esqueletos, quatro machados polidos de pedra, vinte pontas de flechas feitas de osso, objetos de adorno confeccionados com conchas, ossos e pedras. O material recolhido está no Museu do Homem do Sambaqui (Colégio Catarinense - Florianópolis).

F – Sambaqui da Canhanduba (Município de Itajaí) – encontrados pelos arqueólogos Maria Madalena Velho do Amaral e Osvaldo Paulino da Silva em 1996 às margens da BR-101. O sítio ficou muito deteriorado porque parte significativa do material foi retirada para a produção de cal.

G – Sambaqui Itaipava I (Município de Itajaí) – ele foi completamente deteriorado. Fica dentro de uma plantação de milho na localidade rural de Itaipava.

H – Sambaqui Itaipava II (Município de Itajaí) – foi descoberto por acaso em 1987 pelos próprios moradores do local que queriam coletar argila para as olarias. Fica próximo ao Rio Itajaí-Mirim e era considerado local assombrado pelos moradores mais antigos.

I – Sambaqui Morro da Cruz (Município de Itajaí) – Gustavo Konder dá testemunho que sua curiosidade de criança foi aguçada pela constatação de existir muitas conchas na encosta do Morro da Cruz, local bastante distante do Mar. Esse sambaqui teria sido totalmente destruído para servir de matéria prima para fabrica de cal.

Até hoje os estudiosos não conseguiram detectar o elo perdido entre essas civilizações pré-históricas e os nativos encontrados durante o período do “descobrimento”. Provavelmente ocorreu um longo período de aculturação de “tradições”, através do contato bélico, até chegar à predominância dos grupos encontrados no litoral brasileiro pelos portugueses em 1.500 d.C: Potiguar, Tremembé (Litoral Norte); Tabajara, Caeté, Tupinambá, Aimoré (Litoral Norte-Nordeste); Tupiniquim, Temiminó, Goitacá, Tupinambá, Tamoio (Litoral Sudeste); Carijó (Litoral Sul). Muitos consideram os tupinambás como “pai de todos” ou “o povo Tupi por excelência”.

1.2 – fase Tupi

A segunda fase do “período nativo” é composta pela passagem em nosso território de nativos pertencentes a diversos grupos Carijós (Tupi) e Xokleng (Tapuia). Na medida em que os Carijós foram sendo expulsos, mortos ou escravizados pelas “bandeiras”, a região foi sendo visitada por pequenos grupos de Xokleng que desciam a serra também pressionados pela ocupação da civilização branca dos campos altos de Santa Catarina.

Os Carijós habitavam um vasto território, mais próximo da costa, entre Cananéia (São Paulo) e a Lagoa dos Patos (Rio Grande do Sul). Foram considerados por diversos exploradores e viajantes como “O melhor gentio da costa” brasileira. Por não terem se oposto à catequese e o contato direto com a civilização branca, foram presas fáceis para os bandeirantes escravocratas. Estima-se que os Carijós chegaram a formar um contingente próximo a 100 mil nativos.

Visando proteger os nativos da escravidão imposta pelos bandeirantes oriundos da Capitania de São Vicente (São Paulo) os Jesuítas promoveram, entre 1610 e 1750, a reunião de grande contingente em “reduções”. Nesse período temos quatro grandes núcleos de reduções de nativos na América do Sul:

1 – **Guairá** (Paraná, São Paulo). Abrigava 13 reduções a partir de 1610. Foi destruída em sucessivas guerras dos bandeirantes entre 1628 e 1632. Os bandeirantes fizeram cerca de 100 mil escravos.

2 - **Itatim** (Mato Grosso do Sul e Paraguai) Abrigava 13 reduções e foi erguida por volta de 1631 e atacada por bandeirantes a partir de 1633, logrando obter cerca de 15 mil novos escravos.

3 - **Tape** (região central do Rio Grande do Sul). Abrigava 18 reduções, destruídas a partir de 1636 pelos bandeirantes Raposo Tavares e Fernão Dias com a escravidão de 60 mil guarani;

4 - **Paraná-Uruguaí** (extremo oeste do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além de parte do Paraguai e Argentina). Formada a partir de 1670 por 30 povos guaranis, ela foi abandonada quando da expulsão dos jesuítas em 1759.

Sobre o extermínio e escravidão dos nativos no Sul do Brasil diz Eduardo Bueno:

“A máquina escravista aperfeiçoada pelos bandeirantes começou a operar em larga escala a partir de agosto de 1627, quando Manuel Preto e Raposo Tavares partiram rumo ao Guairá. Com sua espantosa tropa de dois mil índios (talvez temiminó), novecentos mamelucos e 69 paulistas, o jovem Raposo e o septuagenário Preto Chegaram às margens do rio Tibagi no dia 8 de setembro. De início, agiram com cautela já que, embora estivessem acostumados a capturar indígenas na região, aquele seria o primeiro ataque a uma redução jesuítica.”

Portanto, quando a civilização branca iniciou a colonização no litoral catarinense praticamente não temos mais nativos na região. Primeiro eles foram recolhidos (interiorizados) nas “reduções” patrocinadas pelos jesuítas e aculturados; depois, escravizados ou mortos pelos bandeirantes. Pequenos grupos formados por sobreviventes das reduções ou fugitivos da guerra direta com os bandeirantes foram tudo o que restou no nosso litoral. Vale ressaltar que esses grupos sobreviventes acabaram tendo de enfrentar, a partir das primeiras décadas do século XIX (1.800), os imigrantes europeus que aqui chegaram durante o ciclo de colonização que atingiu todas as terras de Santa Catarina.

Temos poucas referências sobre as atividades desenvolvidas pelos bandeirantes no litoral de Itajaí. Segundo nos relata o escritor itajaiense Nemésio Heusi no livro **A fundação de Itajaí – sua história – seu romance** há certeza histórica sobre a passagem de duas Bandeiras Vicentistas em nosso território. A Bandeira de Francisco Dias Velhos parte de Santos em 1662 e segue até a Ilha de Santa Catarina. A Bandeira de Domingos de Brito Peixoto, em 1684, segue até Laguna. As Bandeiras funcionavam como uma verdadeira varredura sobre o nosso território de sorte a não sobrar muitos nativos livres que sustentassem por período prolongado suas tradições. Autores chegam a considerar a completa desocupação do território do litoral de Itajaí já no século XVII (1600).

2 – período de ocupação espontânea:

Podemos utilizar a Invasão Espanhola na Ilha de Santa Catarina como referência para estudarmos a ocupação do Vale do Itajaí nesse período. A disputa por terras mais ao sul do continente americano entre Portugal e Espanha vinha se desenvolvendo há séculos. Os diversos tratados, incluindo o Tratado de Tordesilhas, são provas dessa guerra de escaramuças entre as duas nações ibéricas.

2.1 - Primeira fase: antes da Invasão Espanhola

Sobre os primeiros habitantes brancos temos a informação de que João Dias de Arzão requereu sesmaria em região próxima da foz do Rio Itajaí no ano de 1658. Vale ressaltar que o pedido oficial de concessão de sesmaria ocorre sobre terra de São Francisco do Sul, município que João Dias de Arzão ajudou na fundação com o vicentista Manoel Lourenço de Andrade.

Afonso Luiz da Silva publicou no seu livro **Itajaí de ontem e de hoje** uma listagem dos primeiros povoadores que receberam concessões de sesmarias às margens do Rio Itajaí e seus afluentes (entre a Foz e a localidade de Tabuleiro). Ele promoveu pesquisa no Arquivo Nacional obtendo o seguinte resultado:

1792 – Alexandre José de Azeredo Leão Coutinho (Fazenda), Domingos Francisco de Souza, Francisco José Ferreira da Rocha Gil, Manoél Francisco da Costa, Manoél Teixeira de Souza.

1793 – Joaquim Manoél da Costa Lobo, Manoel Fernandes Lessa.

1794 – José Corrêa, Matias Dias de Arzão, Silvestre Nunes Leal Corrêa.

1795 – Manoel da Costa Fraga.

1799 – Joaquim Francisco de Sales e Melo, Manoel José Diniz.

1800 – Domingos Luiz do Livramento

1802 – Antônio Bernardino da Costa

1803 – Joaquim José Pereira.

1811 – Domingos Francisco de Souza Coutinho.

Nesse período os brancos que chegavam à região tinham motivações individuais, não participando de quaisquer projetos organizados por grupos, empresas colonizadoras ou governos nacionais. A principal motivação que trazia essas pessoas ao Vale do Itajaí era a atividade mineradora, principalmente a busca de ouro e prata. Muitos chegaram à região trazidos pela Lenda do Monte Tayó, que alimentava o imaginário coletivo desde o início do século XVII sobre a existência de jazidas de ouro e prata no Rio Itajaí.

2.2 – Segunda fase: depois da Invasão Espanhola

A população de todo o Litoral Norte catarinense aumentou substantivamente após a invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina no ano de 1777. Muita gente deixou a Ilha de Santa Catarina e seus arredores, povoando o Litoral Norte. Os portugueses que exploravam a caça da baleia na Armação da Piedade, por exemplo, transferiram toda sua indústria para a Armação de Itapocoróy. Essa atividade econômica trouxe muita riqueza para a região e um contingente expressivo de operários, pescadores, escravos e comerciantes. Quando a atividade da caça à baleia começou a declinar, na primeira metade do século XIX, essa população se dispersou por todo o Litoral Norte, inclusive Itajaí.

Também ocorreu uma dispersão intensa na colônia alemã de São Pedro de Alcântara. Os imigrantes ficaram extremamente insatisfeitos, primeiro com a forma como a terra fora distribuída pelo governo provincial, depois, pelos próprios rendimentos obtidos com o trabalho da terra. A ameaça espanhola foi a gota d'água para muitos imigrantes. A partir de São Pedro de Alcântara muitos alemães ocuparam terras no Vale do Rio Tijucas e Vale do Rio Itajaí.

3 – período de ocupação colonial

Até esse momento da história do Vale do Itajaí temos ocupação de forma desordenada, individual e espontânea. A partir daqui, teremos ações projetadas visando à ocupação racional do Vale do Itajaí.

3.1 - Primeira fase: sistema misto

Quem traz ao Vale o conceito inovador de Colônia é Antônio de Menezes de Vasconcelos de Drumond. Em 1820 o jovem diplomata Vasconcelos de Drumond deixa o Rio de Janeiro para montar às margens do Rio Itajaí-Mirim a primeira colônia no Vale

do Itajaí. Para tanto, não pode contar com contingente de imigrantes vindo diretamente para esse fim (como Van Lede em Ilhota), mas aproveitou soldados, caboclos e gente que já estava “à deriva” na região. Chegou a cogitar o “uso” de presos existentes no Rio Grande do Sul para ocupar as terras a ele destinadas no Itajaí-Mirim.

Vamos considerar esse esforço de Vasconcelos de Drumond como “misto” porque ele chegou à região com duas missões declaradas: formar uma colônia e encontrar o lendário Monte Tayó. Portanto, Drummond abriu uma porta para o futuro tentando montar uma colônia utilizando gente já estabelecida nas terras litorâneas de Santa Catarina, ao mesmo tempo que manteve um pé no passado, dando asas à imaginação sobre a existência do lendário Monte Tayo, principal motivação de muitos faiscadores que andaram por nossa terra desde os primórdios da civilização branca. Acabou não conseguindo nem uma coisa, nem outra, retornando ao Rio de Janeiro.

Um pouco dessa mentalidade intermediária entre duas propostas diferenciadas de ocupação do território ainda podemos ver em alguns imigrantes que ocuparam terras no Rio Itajaí-Mirim, quando da implantação das colônias Brusque e Príncipe Dom Pedro. Mas o espírito que prevalecia era a da produção de gêneros alimentícios, retirada de madeira, manufatura e sua respectiva comercialização. A colonização se qualificava como um esforço ordenado na ocupação do território visando à produção, troca e comercialização.

3.2 - Segunda fase: sistema colonial integrado

A segunda fase do Período de Ocupação Colonial tem como característica a integração de esforços e meios, privados e públicos, para viabilizar a ocupação efetiva do nosso território. Nesse período tiveram participações efetivas o comerciante Agostinho Alves Ramos e o proprietário de terras José Henrique Flores.

Vale ressaltar que Agostinho Alves Ramos não foi pioneiro em nada. O conceito de colônia foi trazido por Vasconcelos Drumond. A primeira casa comercial estabelecida na região da Foz do Rio Itajaí provavelmente tenha sido aquela de propriedade do comerciante do Desterro - Francisco Lourenço da Costa. Ao solicitar uma sesmaria às margens do Rio Itajaí no ano de 1815 ele declara que já mantém no local “*Um armazém para recolher os efeitos que ali compra para o giro do seu negócio*” conforme está estabelecido no livro número dois do **Registro de Sesmarias do Departamento de Terras e Colonização de Santa Catarina**.

Também não era o principal proprietário das terras que estavam disponíveis para a colonização. Grande parte era qualificada como terra devoluta pertencente ao governo central, outra parte estava em mãos de latifundiários e especuladores de terras. Esses especuladores compunham grupo de funcionários públicos e pessoas influentes junto às administrações em Desterro e Rio de Janeiro. Um dos grandes proprietários da época em que ocorreu o principal esforço colonizador era o Coronel Flores. Parece evidente que o mérito de Agostinho Alves Ramos estava justamente em ser o representante de um grupo político-econômico já bem estruturado no Vale do Itajaí.

Na condição de deputado da Província de Santa Catarina, Agostinho Alves Ramos conseguiu fazer aprovar a “Lei de Colonização do Vale do Itajaí” em 05 de maio de 1835. A lei estabelecia direitos e obrigações dos colonos, além dos critérios de distribuição dos lotes. Também previa a implantação de duas colônias próximas à Foz do Rio Itajaí. Uma às margens do Rio Itajaí-Açu (Gaspar – arraiais de Pocinhos e Belchior), outra às margens do Rio Itajaí-Mirim (Tabuleiro). As primeiras, em terras de propriedade do Coronel Flores.

Os esforços do grupo político-econômico representado por Agostinho Alves Ramos foram eficazes de tal sorte a possibilitar a formação de colônias em todo o Vale do Itajaí. Mesmo diante do fracasso econômico de muitas dessas colônias o território foi ocupado definitivamente e passou a contar com uma produção que deu suporte para o desenvolvimento do porto de Itajaí. A atividade portuária, por sua vez, constituiu a base sobre a qual o Município de Itajaí foi erguido.

1835 – Colônia Itajaí – Arraial de Pocinho (Gaspar)

1835 – Colônia Itajaí – Arraial de Tabuleiro (Itajaí)

1844 ou 45 – Colônia Belga (Ilhota)

1850 – Colônia Blumenau (Blumenau)

1860 – Colônia Brusque e Príncipe D. Pedro

1877 – Colônia Luiz Alves

1897 - Ibirama

4 – período da autonomia

4.1 - Primeira fase: autonomia político-administrativa

O território onde está localizado o Município de Itajaí foi originalmente incluído no espaço pertencente a São Francisco do Sul. No dia 31 de março do ano de 1824 foi

aceita petição feita ao vigário da Vila Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco do Sul e criado o Curato do Santíssimo Sacramento do Itajaí. Para o local foi destinado o Frei Pedro Antônio Agote, com jurisdição entre os rios Gravatá e Camboriú.

No dia 12 de agosto de 1933 o Conselho Geral da Província elevava o Curato do Santíssimo Sacramento do Itajaí à condição de freguesia. Na oportunidade Itajaí deixa seu vínculo com São Francisco do Sul e passa à jurisdição da Vila de Porto Belo. Na condição de freguesia passa a ter o direito de ser sede de distrito, paróquia e circunscrição policial.

No dia 04 de abril de 1859 o presidente da Província de Santa Catarina – João José Coutinho – assina a resolução de número 464 que eleva a Freguesia do Santíssimo Sacramento do Itajaí à condição de Vila. O pedido de desmembramento fora feito no ano de 1855 e sofreu forte oposição dos dirigentes da Vila de Porto Belo. A circunscrição da Vila do Santíssimo Sacramento do Itajaí ficou estabelecida entre os rios Itapocu e Camboriú. Contudo, a Vila só foi instalada oficialmente no dia 15 de junho do ano de 1860, após seus moradores cumprirem a exigência legal de fornecer uma sede para abrigar a Câmara de Vereadores.

Portanto, temos um período próximo a quarenta anos que abriga o processo central de formação do que atualmente denominamos Município de Itajaí. Ou seja, o Município de Itajaí é gestado dentro do período em que ocorre o grande movimento de colonização do Vale do Itajaí. No ano de 1860 Itajaí vira uma página na sua história e estabelece a fase da autonomia político-administrativa. Itajaí passa à categoria de Vila, depois Município. Como tal se consolida como porto e porta do Vale do Itajaí.

4.2 - Segunda fase: porto público

A história de Itajaí ganhou um salto de qualidade significativo quando o governo federal assumiu sua responsabilidade de concretizar melhorias de grande porte na estrutura portuária. Quando decidiu construir um grande farol no Morro de Cabeçadas, no ano de 1902, o governo federal estava sinalizando para a importância econômica de toda a região e sua inserção no estratégico setor da navegação (marítima e pluvial). As obras que foram realizadas depois (molhe, cais e armazéns), que se estenderam até 1956, evidenciaram que Itajaí fora escolhida como um dos pontos de referência da política econômica do governo. Laguna, Imbituba, Florianópolis, Tijucas, São Francisco do Sul ... e muitos outros municípios catarinenses lutaram por esse reconhecimento,

mas, nesse momento, figuras itajaienses de expressão como Lauro Severiano Muller e Victor Konder, ambos na condição de ministros de Viação e Obras Públicas, souberam trazer para Itajaí todos os benefícios possíveis.

A história de consolidação do Porto de Itajaí pode ser marcada entre duas datas. O início pode ser marcado no ano de 1902 com a construção do Farol de Cabeçudas e, seu término, no dia 28 de junho de 1966 quando é assinado o Decreto Federal nº 58.780 considerando o Porto de Itajaí um “porto organizado” recebendo sua junta administrativa própria.

A consolidação da estrutura portuária pública é a consolidação econômica do Município de Itajaí. Tivesse o governo federal criado essa infraestrutura portuária em São Francisco do Sul, Florianópolis ou Imbituba, teríamos, com certeza, uma história completamente diferente em todos os sentidos. O lema estampado na bandeira de Itajaí reconhece o papel preponderante que o rio e o porto cumprem em sua história. Diz o lema: “Ex flumine magnitudo mea”. Ou seja “Do rio vem a minha riqueza.”

5 – período metropolitano

O Período Metropolitano pertence ao nosso futuro. Em algum lugar no futuro estaremos falando de uma Região Metropolitana. Resta-nos apenas determinar tecnicamente qual o contingente populacional necessário para estabelecermos como iniciado o referido período. As populações de Navegantes, Balneário Camboriú, Camboriú e Itajaí estarão completamente integradas, enquanto esses municípios avançam suas fronteiras urbanas em direção a Itapema, Tijucas, Brusque, Ilhota e Penha.

O Período Metropolitano será efetivamente inaugurado quando chegarmos a um milhão de habitantes?